



Silvio Domingues Costa

CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA EM PORTUGAL

Uma análise de *performance* do sector bancário

Dissertação de Mestrado em Economia — especialização em Economia Financeira — sob orientação do Prof. Doutor José Soares da Fonseca, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Julho de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Sílvio Domingues Costa

CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA EM PORTUGAL

Uma análise de *performance* do sector bancário

Dissertação de Mestrado em Economia, na especialidade de Economia Financeira, apresentada à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Orientador: Prof. Doutor José Soares da Fonseca

Coimbra, 2014

Agradecimentos

Apesar de realizada por mim, esta dissertação tem um enorme *background* de “co-autores”. A expressão está entre aspas, apenas por não serem literalmente co-autores mas que no entanto, cada um à sua maneira, constituiu uma peça essencial à conclusão deste projeto.

Deixo um agradecimento muito especial aos meus pais, Carlos e Elvira. Sem o vosso apoio incondicional nos bons e nos maus momentos, nunca teria sido possível percorrer este longo caminho.

À minha irmã Tânia, por estar sempre disposta a colocar as minhas prioridades à frente das suas, para me ajudar a alcançar os meus objetivos.

Ao Professor Doutor José Soares da Fonseca, por todo o apoio prestado, pela sua incrível paciência em todos os momentos e por me motivar a ser cada vez melhor pessoa e melhor profissional.

Aos que me acompanharam nesta odisseia e que remaram a mesma maré, Joel e Jorge, pelas conversas motivadoras e pela amizade que desenvolvemos.

Não posso deixar de referir o Gonçalo, que é um exemplo para mim a todos os níveis, a Beatriz e todos os elementos que compõem a Fundação Liberal Económica, que me proporcionam os melhores momentos e acompanharam o meu desenvolvimento pessoal.

Esta dissertação pertence também a um conjunto de pessoas que não foram mencionadas e que me têm acompanhado ao longo da minha vida pessoal e académica, todos me deram as forças e a coragem para alcançar os meus objetivos. Elas sabem quem são.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo o estudo da concentração bancária e os seus impactos na *performance* do sector bancário português entre 1992 e 2012. O sector bancário português, tem tido um desenvolvimento potenciado por reestruturações de âmbito político e económico. O período que antecedeu o novo milénio foi fortemente caracterizado pelas privatizações dos bancos existentes após a entrada para a Comunidade Económica Europeia em 1986 e pelas operações de fusão e aquisição na década de 90, após a desregulamentação dos serviços financeiros a nível internacional.

O nível de concentração foi calculado com base nos índices de concentração rácio C_k , Hirschman-Herfindahl e Hall Tideman, aplicados às rubricas ativo, crédito a clientes e recursos de clientes e outros empréstimos contidas nos balanços de atividade consolidada dos bancos a operar em Portugal. Para a análise da *performance* recorreu-se aos indicadores de eficiência *cost-to-income*, crédito e depósitos por empregado, número de empregados por balcão e aos indicadores de rentabilidade do ativo e rentabilidade do capital

Ao longo do período estudado, verifica-se que até 1999, o sector se caracterizava por um baixo nível de concentração. Com a entrada no novo milénio, surgiram várias operações de concentração envolvendo diretamente os maiores bancos do sector. Assim, a partir de 2000 verificou-se uma tendência crescente para o aumento da concentração no sector. A consolidação da estrutura do sector além de aumentar o poder de mercado das instituições de maior peso, tem resultado numa forte diminuição do número de entidades bancárias.

Os resultados da análise de *performance* mostram uma melhoria do desempenho do sector no período caracterizado por maior nível de concentração, no entanto nem sempre o aumento da concentração se traduziu numa melhor *performance* para as instituições envolvidas.

Palavras-chave: Concentração bancária, *Performance* do sector, Fusões e Aquisições, Portugal

Abstract

This paper intends to study the bank concentration in Portugal and find the impacts of the increasing concentration indicators on the sector's performance between 1992 and 2012. The Portuguese banking sector has been developed by huge political and economic transformations since 1974. Before the year 2000, many privatizations occurred changing the sector's structure. The need to obtain market power increased after Portugal's entry to the European Economic Community in 1986, after that period, lots of mergers and acquisitions occurred, boosted by the deregulation of financial services on an international level.

The concentration level was calculated by the concentration indices such as concentration ratio, Hirschman-Herfindahl index and Hall and Tideman index, applied to asset headings, customer deposits and customer loans contained in the balance sheets of banks operating in Portugal. To analyze the performance we resorted to the indicators of cost-to-income, loans and deposits per employee, number of employees per branch and indicators of return on assets and return on equity.

From 1992 to 1999, the banking sector was characterized by a low level of concentration. The year 2000 was characterized by mergers between the biggest banks in the industry, increasing significantly the concentration level. Since then, concentration level has been increasing. The market structure consolidation by the increase of market power has resulted in a strong decrease in the number of banks.

The results of performance analysis on the sector showed a better performance after 2000, which was the period characterized by a higher level of concentration. However when testing the bank's performance before and after the merger occurred, the results find that not always the increase in the concentration level resulted in a better performance.

Key words: Bank concentration, Bank Performance, Mergers

Índice

1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura.....	3
2.1. Enquadramento histórico.....	3
2.2. Fusões e Aquisições (F&A)	6
2.3. Processos de consolidação dos bancos.....	9
2.4. Índices de concentração bancária	12
2.5. Indicadores de <i>performance</i>	20
3. Análise empírica.....	22
3.1. Evolução dos índices	22
3.2. <i>Performance</i> do sector bancário.....	27
3.3. <i>Performance</i> das instituições bancárias.....	29
4. Conclusão	32

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, Portugal sofreu profundas transformações na estrutura do seu sistema bancário, com principal impacto no momento em que entra para a CEE¹ em 1986 e com a adesão à moeda única, em 1999. Ao longo deste período verificou-se uma tendência crescente da concentração no sector. É no entanto, a partir de 2000 que o nível de concentração bancária em Portugal se afasta mais da média europeia², apresentando valores muito superiores a partir desse ano. Este aumento é explicado por operações de fusão e aquisição estrategicamente realizadas no final da década de 90 e pela criação de grupos bancários que surgem com o objetivo de polarizar o sector.

O incremento estratégico na concentração do sector bancário é tese apoiada por estudos como o de Beck et al (2006) que conclui que sistemas bancários com maior concentração são menos propensos a crises sistémicas perante choques adversos. Sistemas bancários concentrados são mais propensos à criação de economias de escala e de escopo e a supervisão de um menor número de instituições bancárias, mesmo sendo de grande dimensão, é mais fácil. Berger (1998) argumenta que maior concentração promove a diversificação de ativos, produtos e atividades bancárias e que a diversificação se traduz em maior estabilidade. Por outro lado, autores como Boyd e Runkle (1993) e Mishkin (1999) defendem que os bancos de maior dimensão beneficiam de políticas de proteção, o que os torna mais propensos a investimentos de maior risco, aumentando a fragilidade do sistema. Os mesmos defendem que bancos maiores são mais complexos e difíceis de supervisionar e ainda, Boyd, e De Nicolo (2003) consideram que bancos com maior poder de mercado praticam taxas de juro mais altas, levando os investidores a incorrerem em riscos maiores.

Com este trabalho pretende-se aferir se as variações nos índices de concentração se traduziram numa melhor ou pior *performance* do sector bancário português, através da aplicação dos índices de concentração considerados adequados, apoiados pelos estudos de Alegria e Shaek (2007) e Bikker & Haaf (2002).

¹ Comunidade Económica Europeia.

² Em 2012 a concentração em Portugal é de 70%, enquanto na europa é 59%.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Enquadramento histórico

Para compreender a tendência crescente que se verifica ao nível da concentração bancária no sector bancário português, é necessário recuar algumas décadas para acompanhar o desenvolvimento interno e externo do sector. A presente secção engloba uma breve caracterização do sector com maior ênfase a partir da década de 80.

Após o fim do regime ditatorial salazarista em 1974, surge a necessidade de reestruturar o sector, através da nacionalização de todos os bancos portugueses, que teve lugar em 1975 e para além dos quais haviam apenas três estrangeiros com presença em Portugal (NUNES *et al*, 1994). O Estado ficou então com o domínio de quase todo o sistema bancário, restringindo a iniciativa privada e a internacionalização através do controlo das operações bancárias imposto constitucionalmente. A atividade internacional dos bancos resumia-se à liquidação de operações de comércio internacional e investimento direto estrangeiro.

A partir da década de 80, começa a surgir uma tendência para a criação de medidas que permitiam uma maior autonomia das instituições. A perspectiva de entrada para a CEE³ foi imperativa para uma mudança de atitude por parte do governo, levando-o a adotar medidas necessárias para um enquadramento adequado à realidade europeia. A idealização de um mercado único de bens e serviços na Europa levou à compreensão de que as limitações impostas ao livre funcionamento do mercado seriam ineficientes numa realidade em que emergia a globalização. As revisões constitucionais de 1982 e 1989 perspectivavam a flexibilização do sistema económico redefinindo as estruturas do exercício do poder político. No período que mediou as revisões, através da abertura à iniciativa privada, foram criados os primeiros bancos privados e o número de instituições bancárias mais que duplicou. No entanto, o Estado continuava a controlar cerca de 90% do sector. Foi então na revisão de 1989 que foi abolido o *princípio da irreversibilidade das nacionalizações efetuadas depois de 25 de Abril de 1974*, que impedia toda a reprivatização de empresas nacionalizadas após 1974. A partir daí iniciou-se um processo liberalização e integração

³ Comunidade Económica Europeia.

económica e financeira, impulsionado pela privatização e reprivatização de bancos existentes, e com a desregulamentação dos serviços financeiros a nível internacional.

A partir da década de 90, o número de instituições bancárias volta a duplicar, sendo responsável (a par com as privatizações) pela perda de peso do Estado no sector bancário, em que os bancos públicos representavam menos de 30% do sector (Canhoto, 2001). A existência de um ambiente mais competitivo levou a uma reformulação dos objetivos por parte dos agentes nacionais. Os bancos passaram a realizar operações fora do mercado doméstico, enfrentando os desafios impostos pelos diferentes padrões de concorrência no mercado internacional. Urgia deste modo a necessidade de criar vantagens competitivas quer através da diversificação da oferta bancária e exploração de novos nichos de mercado, quer através de operações de fusão e aquisição, com vista em aumentar o poder de mercado, Almeida (2001). De 1999 para 2000, registou-se o maior número de operações de fusão da história do sector, resultando num aumento de 10 pontos percentuais, do índice de concentração C_5 .

Foram desta forma criadas condições de mercado que impulsionaram a procura de crédito e redução da poupança. Tal facilidade no financiamento levou a um maior consumo de bens duradouros e maior procura por crédito à habitação, incrementando a despesa do sector privado, formando défices externos persistentes e elevados na balança corrente. Este período caracterizou-se pela acumulação de desequilíbrios macroeconómicos que muito contribuíram para a crise atual. Entre 1995 e 1998 a taxa de juro de longo prazo diminuiu mais de 12 por cento, atingindo os 4%, entre 1995 e 2010, a posição de investimento internacional⁴ portuguesa passou de -10 para -107 por cento do PIB e a dívida externa passou de 64 para 230 por cento, Costa (2012)⁵.

Em 2006, despoleta-se a crise do *subprime* nos Estados Unidos, resultante da falência de duas das principais instituições de crédito dos Estados Unidos, a *Federal National Mortgage Association* (FNMA) e a *Federal Home Loan Mortgage Corporation* (FHLMC). A crise tornou-se pública em 2007 e revelou a sua dimensão com a notícia da falência do banco Lehman Brothers em 2008. Quando o efeito sistémico desta crise se fez

⁴ As estatísticas de posição de investimento internacional agregam dados sobre investimento direto, investimento de carteira, derivados financeiros, outros investimentos e ativos de reserva, e revelam as posições da economia portuguesa face ao exterior, quer de ativos como de passivos financeiros.

⁵ O Sistema Financeiro Português e o Papel do Banco de Portugal, em BP, eurosistema.

sentir na Europa, os investidores focaram a sua atenção nos desequilíbrios das economias periféricas da zona euro. O sentimento de desconfiança levou a condições desiguais de acesso aos mercados financeiros, resultando em diferentes condições de financiamento consoante o país, revelando a ineficiência da transmissão da política monetária convencional do Eurosistema (Costa, 2012). Em 2010, a acumulação de desequilíbrios orçamentais levou ao aumento da perceção de risco em relação à dívida soberana dos países, consciencializando-se do risco sistémico na banca, dada a sua correlação com o próprio risco soberano. Paralelamente, vários bancos de grande dimensão em países, entre os quais os Estados Unidos da América, necessitaram de intervenção do Estado para assegurar a sua solvabilidade. Foi então no final de 2010, feita a primeira revisão aos acordos de Basileia II, tendo sido motivada pela deterioração da qualidade dos ativos dos bancos, que potencia os riscos associados à interdependência bancária (o risco sistémico pode levar a uma ‘corrida’ aos depósitos resultando numa perda de liquidez generalizada). A revisão, denominada por Basileia III pressiona os bancos a aumentarem as suas reservas de capital para se protegerem de crises através da revisão dos requisitos mínimos de capital.

Com o aprofundamento da recessão, assistiu-se também ao crescimento significativo do incumprimento do crédito. A percentagem de incumprimento das empresas face ao total de crédito concedido evoluiu de 2,4% em 2008 para 12,6% no final de 2013⁶. Esta evolução, conjugada com uma redução significativa da rentabilidade da atividade bancária, levou a uma diminuição da capacidade dos bancos em fazer face às suas obrigações, traduzida numa redução acentuada dos rácios de cobertura.

Os níveis de endividamento na economia portuguesa, resultantes dos fatores descritos tornaram-se de tal forma persistentes que a capacidade de Portugal cumprir a dívida foi posta em causa pelos investidores financeiros internacionais, fechando as portas de acesso ao mercado financeiro internacional na primeira metade de 2011. Consequentemente dá-se início ao Programa de Assistência Financeira negociado com a União Europeia e o Fundo Monetário Internacional, com objetivo de apoiar um conjunto de políticas que visavam o restabelecimento da confiança e a criação de condições para um

⁶ Fonte: Banco de Portugal

crescimento sustentável, preservando a estabilidade financeira em Portugal, na zona euro e na UE.

Neste enquadramento, considerando as exigências internacionais e o contexto interno de crise económica, o Programa de Assistência Financeira salienta a necessidade da capitalização bancária, tendo sido criado um fundo de 12 mil milhões de euros, exclusivamente para o propósito. O processo de recapitalização prosseguiu de forma diferente de acordo com cada instituição, sendo que recorreram a este fundo os bancos Millennium BCP, BPI e BANIF, num montante total de 5,6 mil milhões de euros enquanto que o BES optou por se financiar no mercado. Já os bancos detidos pelo estado, não estando autorizados a recorrer ao fundo, envergaram o processo de recapitalização recorrendo a fundos próprios e públicos.⁷ O processo promoveu uma subida necessária do rácio de capital Core Tier 1, de aproximadamente 8% em 2010 para mais de 12% em 2013⁸. Ainda sob as medidas impostas pelo acordo, prosseguiu-se à redução do rácio de crédito/depósitos, tendo sido reduzido de 157,8% em 2010 para 117,0% em 2013.⁹

O programa de assistência financeira perdurou até ao dia 17 de Maio de 2014, com a notícia de que o país está de volta aos mercados financeiros internacionais. Apesar do sinal positivo, há ainda um longo caminho a percorrer para que os efeitos do crescimento sustentável se reflitam no clima económico de Portugal.

2.2. Fusões e Aquisições (F&A)

Motivações

As condições de mercado que se têm vindo a desenvolver ao longo das últimas duas décadas, tiveram um impacto significativo na competitividade do sector, impulsionado pela liberalização e desregulamentação dos serviços financeiros fora do mercado doméstico. O desenvolvimento contribuiu para o aparecimento de novos produtos e instrumentos financeiros, estimulando diferentes formas de concorrência.

⁷ Fonte: Governo de Portugal - a gestão do programa de ajustamento (2011-2014)

⁸ O Banco de Portugal tinha fixo os mínimos regulamentares para o rácio Core Tier 1 de 9% até ao final de 2011 e 10% até ao final de 2012.

⁹ O Pacote de Assistência Financeira tinha definido uma redução deste rácio para um máximo de 120%.

Há diversas visões quando se opta pelo crescimento através de operações de fusão ou aquisição. Diferentes ambientes empresariais terão diferentes motivos para optar por este processo de crescimento. Segundo Pautler (2001), as F&A são encetadas por se considerar uma forma rentável de investimento para as empresas envolvidas. O processo é relativamente rápido e traduz-se em aumentos da capacidade da empresa, obtendo sinergias através da combinação de novas competências, possibilitando a entrada em diferentes mercados quer ao nível geográfico quer ao nível do produto. Autores como Andrade, Mitchell, e Stafford (2001) argumentam que estas operações são executadas estrategicamente com objetivo de alcançar determinado posicionamento de longo prazo no mercado e que surgem em períodos de pós-desregulamentação que fomentam o crescimento internacional. Para Hitt, Ireland e Hoskisson (2005) as F&A são uma forma de obter maior poder de mercado, através da redução de custos de produção e permitem o aumento dos preços de venda. Considerando que o aumento do poder de mercado seja feito com objetivo de conseguir vantagens competitivas, as aquisições podem incluir fornecedores e distribuidores de indústrias relacionadas, obtendo competências distintivas de concorrentes diretos.

Aquisições podem gerar ganhos de eficiência quer pela produção, quer pela gestão. Os resultados podem ser potenciados através do surgimento de economias de escala e de escopo, aplicando novas tecnologias à produção, selecionando melhores combinações dos seus ativos e reduzindo custos de distribuição e transação.

Analisando o sector bancário português, o aumento do poder de mercado das instituições envolvidas em operações de F&A resultou por um lado, num aumento da concentração, e por outro, numa redução do número de instituições bancárias a operar em Portugal.

Regra geral, mercados muito concentrados, diminuem a concorrência na medida em que criam maior dificuldade às pequenas instituições para imporem os seus modelos de atividade no mercado. Por outro lado, criam barreiras naturais e artificiais à entrada de novos concorrentes. Os rendimentos avantajados que um mercado monopolista permite às empresas que o compõem, obtêm-se à custa dos consumidores. No entanto, o aumento da concentração verificado no sector bancário português, não implica necessariamente que não haja concorrência entre as instituições presentes no mercado. A teoria dos mercados disputados de Baumol et al. (1982) defende que um mercado monopolista ou oligopolista

pode ter uma estrutura próxima de um mercado competitivo se uma empresa monopolista for pressionada por possíveis concorrentes que possam entrar no mercado, e que em qualquer momento ponham a sua posição dominante em causa. Deste modo, a teoria pressupõe que uma empresa monopolista se pautar por práticas legítimas, tomando medidas que se enquadram num modelo de concorrência perfeita.

A problemática é analisada por diversos autores. Weston et al.(1990) referem que para compreender os efeitos do aumento do poder de mercado, é importante comparar os ganhos de eficiência com os efeitos do aumento da concentração. Em determinados mercados, e exemplificando com o sector bancário português, a concentração pode resultar numa competição intensa entre as principais entidades a operar no sector.

Estudos publicados por Piloff e Santomero (1997), Kwan e Eisenbeis (1999) analisam fusões e aquisições ocorridas nas décadas de 80 e 90, nos Estados Unidos. O objetivo foi avaliar a *performance* das instituições antes e depois de uma determinada operação de concentração. Ambos concluem que quer ao nível da *performance*, quer ao nível da eficiência, os resultados são variáveis, não podendo concluir que haja uma combinação *performance/eficiência* superior após a fusão ou aquisição. Por outro lado verificaram-se reduções na alavancagem das instituições e aumentos na concessão de crédito. Note-se que o mercado bancário nos Estados Unidos tem graus de concentração muito inferiores à maioria dos países da União Europeia. Tais estudos, ao serem aplicados à realidade europeia, poderão levar a conclusões diferentes. É o caso de um estudo publicado por Barros et al (2010) que, ao contrário de outros, avalia o impacto das fusões e aquisições ocorridas em Portugal nos mercados de crédito e estima um modelo estrutural que avalia o que aconteceria se não se tivessem verificado essas fusões e aquisições. Tal permitiu-lhes concluir que as fusões resultaram em descidas da taxa de juro dos empréstimos superiores ao que poderiam antecipar, aumentos na concessão de crédito a empresas, mas um fluxo de empréstimos concedidos a particulares mais reduzido que o esperado. Em suma, as fusões poderão resultar em ganhos de eficiência e de informação, traduzidos em preços mais competitivos.

Tipos de F&A

Vários autores categorizaram as F&A em diferentes tipos. Weston (1990) resume as fusões a três tipos: horizontais, verticais e por conglomerados. As fusões horizontais ocorrem entre empresas que pertencem ao mesmo sector, têm como objetivo o aumento da dimensão e a obtenção de economias de escala através da exploração de sinergias que promovem a redução dos custos e o aumento das receitas. As fusões ocorridas na banca portuguesa foram maioritariamente deste tipo, despoletadas pela desregulamentação. Esta forma de fusão é normalmente controlada pelas autoridades da concorrência, pois diminuem o número de entidades no mercado e podem resultar em conluio entre as restantes entidades, formando uma estrutura de mercado monopolística. As fusões verticais ocorrem entre empresas que não pertencem necessariamente ao mesmo sector de atividade mas que desenvolvem atividades complementares. Normalmente ocorrem entre empresas que se encontram em diferentes níveis de produção e ocorrem para melhorar a facilidade na distribuição do produto, eliminar ou reduzir os custos de transação que decorrem da participação no mercado. As fusões por conglomerados ocorrem quando as empresas envolvidas operam em mercados não relacionados. Este tipo de fusões permite controlar um conjunto de empresas posicionadas em diferentes indústrias que requerem diferentes técnicas e produção, venda e distribuição. Ocorrem para uma melhor gestão do risco pela diversificação, permitem expandir a linha de produtos da empresa e constituem uma forma de extensão do mercado geográfico. Seja qual for o tipo de fusão, a principal motivação será sempre melhorar o desempenho aumentando a rentabilidade pelo crescimento.

2.3. Processos de consolidação dos bancos

O objetivo central deste estudo prende-se com a análise dos indicadores de eficiência antes e após operações de concentração ocorridas nas principais instituições bancárias a operar em Portugal. Como tal é considerado adequado um enquadramento com a evolução das instituições consideradas relativamente aos processos de crescimento que foram adotando.

As instituições objeto de análise são atualmente as 5 maiores do sistema bancário português e resultaram das várias fusões ocorridas nas últimas duas décadas: Caixa Geral de Depósitos, Millenium BCP, Banco Espírito Santo, Banco BPI e Santander Totta. A

análise de eficiência compreende também as instituições incorporadas nas acima referidas, uma vez que as *performances* dessas instituições, antes de ocorrida a fusão, são pertinentes para a compreensão da *performance* da instituição adquirente após a fusão.

Caixa Geral de Depósitos

A Caixa Geral de Depósitos foi criada pela Carta de Lei de 10 de Abril de 1876 com a finalidade essencial de recolha de depósitos obrigatórios constituídos por imposição da lei ou dos tribunais. É a instituição bancária com maior tradição histórica no sector bancário e é a maior instituição bancária pública nacional. Ao longo do período analisado no presente estudo, ocupa sempre o primeiro lugar no *ranking* nacional em termos de ativo, crédito e recursos de clientes.

O grupo CGD consolidou a sua posição como maior grupo financeiro português, após a fusão da CGD e do BNU¹⁰, em 2002. Curiosamente, no ano anterior à fusão, o BCP esteve próximo de ocupar a primeira posição em termos de ativo pela primeira vez. A integração do BNU no grupo teve início em 1998 através da venda cruzada entre as redes comerciais dos bancos. Em 2000, procedeu-se à integração das estruturas centrais da CGD e do BNU. O processo visava a incorporação das diversas áreas de negócio, a redução de custos, o aumento da produtividade e renovação e valorização dos recursos humanos. Em 2002, é concluída a integração operacional do BNU na CGD pela fusão de todos os sistemas de informação e com o desaparecimento da marca BNU.

Millenium BCP

O Millenium BCP é o maior banco privado em Portugal, e ao longo do período estudado passou por vários processos de consolidação, cimentando a sua posição como o segundo maior banco a atuar em Portugal a partir de 1995. O processo de consolidação do grupo iniciou-se em 1995 através da aquisição do BPA¹¹ que tinha sido o segundo maior banco do sector em termos de ativo no ano anterior. No entanto, a marca Atlântico manteve-se independente até ao ano 2000, em parte por ter uma presença muito forte e bem reconhecida no mercado e também por as carteiras de negócios de ambos os bancos se

¹⁰ Banco Nacional Ultramarino

¹¹ Banco Português Atlântico

complementarem. Assim, apesar da integração e centralização das plataformas operativas, os dois bancos continuaram juridicamente distintos até essa data.

Ainda em 2000, dá-se a integração dos bancos BM e BPSM¹² no grupo com vista em obter maiores ganhos de eficiência operativa e de integração comercial. Ao passo que a marca Mello foi extinta e integrada nas redes do BCP, Atlântico e Nova Rede, a marca Sotto Mayor foi reforçada. Denote-se que o BPA e o BPSM ocupavam a 5ª e 4ª posições em termos do ativo no ano anterior à fusão, respetivamente. O processo continuou de forma progressiva, até que o grupo anunciou em 2003 a incorporação das marcas constituintes numa só: Millenium BCP, atuando desde então com uma identidade fortalecida.

Banco Espírito Santo

O Banco Espírito Santo foi fundado em 1920, tendo-se fundido com o Banco Comercial de Lisboa em 1937, denominando-se a partir daí BESCL. A denominação manteve-se, até que em 1997 passa a ser o único acionista do BIC¹³. O BES é o segundo maior banco privado português, mantendo a 3ª posição no ranking de maior ativo desde 1999. O Grupo destaca-se dos outros grupos bancários por ter atingido uma grande dimensão através de crescimento orgânico sem ter de recorrer a operações de concentração. Das instituições avaliadas, esta foi a última a envolver-se numa operação de fusão, em 2005 pela incorporação do BIC no BES. O BIC, fundado em 1986 pelo BES, manteve-se independente, seguindo uma estratégia de especialização nos segmentos de financiamento ao sector da construção e no crédito a habitação. A sua fusão resulta no aproveitamento da notoriedade da marca BES, com objetivo de potenciar o crescimento comercial e o aumento de rendibilidade.

Banco Santander Totta

O grupo Santander Totta é o banco estrangeiro com maior presença no sector bancário português e é atualmente o 4º maior banco em termos de ativo total. O Santander entrou para o sector através da aquisição do BTA e CPP¹⁴ em 1999, note-se que o BTA nos anos anteriores à aquisição se situava na 6ª posição do ranking em termos de ativo. Após a aquisição, as diferentes marcas continuaram a atuar de forma independente até à

¹² Banco Mello e Banco Pinto e Soto Mayor

¹³ Banco Internacional de Crédito

¹⁴ Banco Totta Açores e Crédito Predial Português

reestruturação do Grupo, em 2004. A Integração do CPP provocou uma redefinição dos seus segmentos alvo, adotando uma postura mais abrangente. A transferência da marca CPP para o Totta abriu um leque de produtos e serviços que não eram disponibilizados aos clientes da rede do CPP. Após a reestruturação, o grupo passou a pertencer à holding Santander Totta SGPS, detentora do Banco Santander Totta, surgindo como um grupo com um forte posicionamento na vertente de crédito imobiliário e de investimento.

Banco BPI

O BPI foi criado em 1985, pela transformação da SPI¹⁵, adquirindo as funções de captação de depósitos, concessão de crédito, intervenção em mercados interbancários e prática de operações cambiais.

O grupo BPI caracteriza-se por ter sido o primeiro deste leque a optar pelo crescimento através de fusões, iniciando o processo de consolidação em 1991 através da aquisição do BFB¹⁶. Esta primeira aquisição assegurou a entrada na banca comercial, além do natural aumento da sua dimensão. Em 1995, o BPI foi transformado numa holding, passando a denominar-se BPI – SGPS, controlando o BFB e o BPI, esta reorganização foi acompanhada de um reforço da estrutura acionista. Um ano depois, em 1996, deu-se a aquisição dos bancos BFE e BBI¹⁷, dando-se início, ao processo de integração dos três bancos do Grupo BPI, originando em 1998, o Banco BPI. Depois da fusão, a estrutura simplificou-se significativamente, pois o BPI SGPS passou a integrar apenas duas instituições bancárias: o Banco Português de Investimento, designado por BPI - Investimentos, e um novo Banco Comercial, o Banco BPI.

As operações de concentração verificadas na banca portuguesa envolveram diretamente os maiores grupos bancários em Portugal, levando a profundas alterações na estrutura do sector. O resultado é visível pelo aumento contínuo da concentração ao longo das últimas duas décadas, como se pode constatar pela evolução do índice de concentração C₅. O índice que mede a quota de mercado das 5 maiores instituições evoluiu de 55% em 1992 para 72% em 2012.

¹⁵ Sociedade Portuguesa de Investimentos

¹⁶ Banco Fonsecas e Burnay

¹⁷ Banco de Fomento Exterior e Banco Borges e irmão

2.4. Índices de concentração bancária

Vários estudos aprofundaram e apontaram índices para mensurar a concentração em determinadas indústrias. A seguinte secção pretende expor a variedade de índices referenciados nesses estudos, apontando as suas características teóricas e as limitações da sua aplicabilidade, de modo a melhorar a compreensão do processo de seleção dos índices utilizados no presente trabalho. Os principais critérios na escolha dos índices de concentração prendem-se com a disponibilidade dos dados recolhidos e a estrutura do sector em questão. Dada a diversidade dos sectores onde se podem aplicar índices para o estudo da concentração, as opiniões para a seleção destes, são divergentes entre os autores. No entanto, é concordância geral que a escolha dos índices deve sempre refletir o número e a dimensão das empresas. Os índices de concentração expostos nesta secção foram abordados nos estudos de Alegria e Shaek (2007), Bikker & Haaf (2002) e Tabner (2003).

Rácio de concentração (C_K)

Este é o índice mais frequentemente utilizado para a avaliação da concentração bancária. É calculado pelo somatório das quotas de mercado detidas pelos k maiores bancos do sector. Não há um valor de K que esteja idealmente definido, o valor deverá ser selecionado arbitrariamente de acordo com a estrutura do sector em causa.

$$C_k = \sum_{i=1}^k q_i$$

Uma das limitações do índice é a de recolher apenas a informação das quotas de mercado dos k bancos de maior dimensão, desvalorizando fatores como o número de bancos no mercado ou a distribuição das quotas de mercado. O índice varia entre 0 e 1, aproximando-se de zero em mercados com muitos bancos de igual dimensão e aproximando-se de 1 se poucos bancos representarem quase a totalidade do sector.

Índice Hirshman-Herfindahl (HH)

O índice HH é um índice complementar ao índice C_k . Colmata as insuficiências acima referidas na medida em que não só capta o número de bancos no mercado, por considerar todas as quotas de mercado e não apenas as k maiores. A sua análise torna-se menos intuitiva comparativamente à do índice C_k mas ao considerar mais informação,

torna-se mais fidedigno, sendo utilizado para regular fusões e aquisições nos Estados Unidos. Está explicitado nas leis de concorrência do Departamento de Justiça dos Estados Unidos da seguinte forma: a operação de concentração é ilegal se o índice HH for superior a 0.18 depois da fusão; e não pode provocar um aumento no índice superior a 0.02 (Cetorelli 1999).

O cálculo do índice é feito pela soma dos quadrados das quotas de mercado dos vários bancos.

$$HH = \sum_{i=1}^n q_i^2$$

O valor que este índice produz, tem em conta todos os bancos do sector, atribuindo maior peso aos de maior dimensão, sem menosprezar os de menor dimensão. O valor do índice varia entre 0 e 1, aproximando-se do seu mínimo quando operam vários bancos da mesma dimensão e aproximando-se da unidade em situação de monopólio. Bikker e Haaf (2002) expõem dois aspetos inerentes ao índice: primeiro, produz valores diferentes para sistemas bancários com o mesmo número de bancos, e segundo, o índice pode produzir valores semelhantes em mercados com diferentes estruturas. Estes aspetos tornam difícil a leitura do índice quando se pretende compreender o número e tamanho dos bancos.

Índice Hall-Tideman (HT)

Hall e Tideman (1967) destacam a importância de utilizar a informação relativa ao número de bancos no cálculo da concentração, dando maior importância à presença de pequenos bancos. As quotas de mercado de todos os bancos são ponderadas pelo número de ordem no ranking desse sector, atribuindo o peso 1 ao maior banco, 2 ao segundo maior e assim sucessivamente para todos os bancos.

$$HT = \frac{1}{2 \sum_{i=1}^n i q_i - 1}$$

O valor deste índice aproxima-se de zero, quando o mercado é composto por vários bancos de tamanhos equivalentes e aproxima-se da unidade em situação de monopólio. As variações do índice são fortemente produzidas pela entrada ou saída de bancos, sobretudo

das de menor dimensão, indiciando aspetos relativamente à estrutura do sector que outros índices não captam.

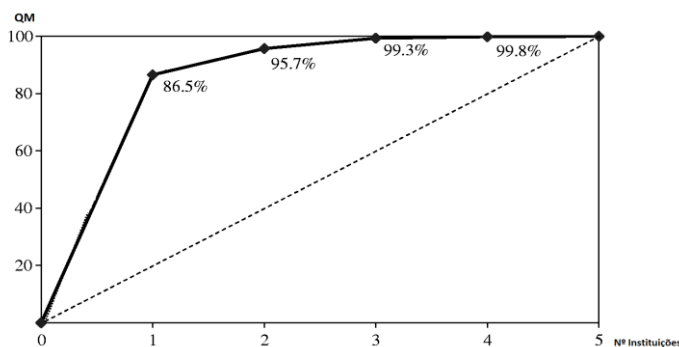
Curva de Concentração

A curva de concentração é uma forma de mensurar a concentração proposta por Clarke (1993) e permite compreender o nível de desigualdade na distribuição das quotas de mercado do sector. O eixo vertical representa a quota de mercado acumulada dos bancos, enquanto que o eixo horizontal representa cumulativamente o número de bancos de acordo com a sua posição ordinal.

A análise deste indicador é feita pela comparação entre uma curva convexa que resulta das diferentes quotas de mercado dos bancos ordenadas pela sua posição e entre uma reta de 45°, que representa uma situação em que os todos bancos são de igual dimensão. A configuração da curva convexa permite tirar conclusões sobre a concentração e sobre as desigualdades na distribuição das quotas de mercado: à medida que a curva se afasta da reta de 45°, o nível de concentração aumenta; uma curva com uma configuração inicial mais íngreme representa um sector concentrado em que um pequeno número de bancos tem o controlo. Deste modo, o ênfase das diferentes partes da curva permite aferir sobre a estrutura do sector.

Na Figura 1, desenhada a título de exemplo, pode verificar-se um sector composto por 5 bancos em que o primeiro tem elevado poder de mercado, e os restantes apresentam tamanhos semelhantes.

Figura 1 – Curva de concentração representada pelo total das QM das instituições de um sector.



Fonte: elaboração própria

Índice de Rosenbluth (RI)

Tal como no índice HT, Rosenbluth (1955) propõe um índice que pauta as quotas de mercado dos bancos pelo seu ranking. Da mesma forma, o maior banco é ponderada por 1, o segundo maior banco por 2, e assim sucessivamente, resultando em maior ponderação nos bancos de menor dimensão. No entanto a expressão que contabiliza as quotas de mercado pelo seu ranking, encontra-se no denominador, o que significa que a partir de um determinado grau de desigualdade, quando o número de bancos aumenta, o valor do índice diminui.

$$RI = \frac{1}{2C}$$

O índice é calculado pela área acima da curva de concentração e abaixo da reta superior correspondente ao total do mercado e é obtida por:

$$\sum_{i=1}^n iq_i - \sum_{i=1}^n \left(\frac{1}{2}\right) q_i$$

Quando a área é igual a $\sum_{i=1}^n iq_i - 1$, o índice de Rosenbluth é igual ao índice de Hall Tideman.

$$RI_{HT} = \frac{1}{2 \sum_{i=1}^n iq_i - 1}$$

Um dos problemas do índice proposto por Rosenbluth é o de ser demasiado influenciado pela presença de pequenos bancos, tornando-se pouco útil para analisar se saídas de pequenos bancos têm relação com o nível de concorrência em mercados muito concentrados, como refere Hause (1977). O índice aproxima-se de 1 quando um só banco tem o controlo total do sector e de $1/N$ quando na presença de vários bancos da mesma dimensão, que é igual à QM de cada um deles.

Índice de Horvath (CCI)

O índice de Horvath (1970), também conhecido como o índice de concentração compreensivo, é assim chamado por ser calculado de forma mista, ou seja, apresenta características dos índices discretos e dos índices de dispersão: a quota de mercado do

maior banco dispensa ponderador, ao passo que os restantes bancos são representados pelo quadrado das suas quotas de mercado ponderadas por um multiplicador.

$$CCI=q_1 + \sum_{i=2}^n q_i^2(1+(1-q_i))$$

O CCI resulta precisamente do debate entre índices de concentração que representam apenas uma parte do sector (como por exemplo o índice C_k), sendo que estes não consideram alterações da estrutura de mercado fora dessa amostra, e entre índices que contabilizam todos os bancos desse sector (tal como o HH, p.e.), sendo que estes são passíveis de desvalorizar a presença das instituições de maior peso.

O índice é composto pela soma entre a quota de mercado do maior banco e entre o quadrado das quotas de mercado dos restantes bancos do sector, ponderados por um multiplicador, que segundo o autor, reflete de forma proporcional o tamanho desses bancos.

O índice situa-se acima de um valor sempre superior à quota de mercado do maior banco, se houver mais do que um banco no sector, e tem o limite superior igual a 1. Este índice é adequado quando a amostra apresenta um banco que lidera o sector à custa de vários bancos de menor dimensão.

Índice de Hannah e Kay (HK)

O índice de Hannah e Kay (1977) surge pelo desenvolvimento do índice proposto por Hirschman Herfindahl (1950). Enquanto o índice HH resulta da soma do quadrado das quotas de mercado e atribui maior peso aos maiores bancos, Hannah e Kay propõem um índice em que a potência à qual as quotas de mercado são elevadas dependa do objeto de estudo. O resultado produzido pelo índice varia inversamente com a concentração: um aumento da concentração provoca uma redução no valor do índice.

$$HK=(\sum_{i=1}^n q_i^\alpha)^{\frac{1}{1-\alpha}}, \quad \alpha>0 \text{ e } \alpha\neq 1.$$

Ou seja, os autores propõem um parâmetro α que pode ser alterado, de acordo com o alvo do estudo de quem aplica o índice. Quanto maior for o valor de α , o índice produzirá resultados que darão maior ênfase à distribuição do peso bancos, quanto menor

for o valor do parâmetro, maior será ênfase no número de bancos. Os autores demonstram que a entrada de um banco de dimensão igual à média provoca uma redução da concentração, enquanto que com a entrada de um banco de dimensão superior, poderá provocar uma redução mais discreta ou poderá mesmo provocar um aumento da concentração.

Para qualquer α , o limite superior do índice verifica-se quando devolve o número de bancos no sector, e o limite inferior é igual a 1 sendo que ocorre quando há apenas um banco no sector. Este índice corresponde ao inverso do índice Hirschman Herfindahl quando se verifica $\alpha=2$.

$$HK = \frac{1}{H} = \left(\sum_{i=1}^n q_i^2 \right)^{-1}$$

Índice U

O índice U foi desenvolvido por Davies em 1979, que considerava que a maioria dos índices desenvolvidos até então atribuíam demasiado peso quer a desigualdades na distribuição, quer ao número de instituições no sector. Desse modo, definiu um índice com um ponderador, a , que permite a flexibilização da ponderação para um determinado número de bancos, dado por n , e para uma medida de desigualdade dada por I .

$$U = I^a n^{-1}$$

O valor de a é obtido pela estimação de um modelo da margem preço-custo, onde π representa a margem preço-custo e C_i representa a concentração no sector i :

$$\pi_i = \alpha C_i^\beta$$

Substituindo C_i pelo índice U e logaritmando, a equação segue:

$$\log \pi_i = \log \alpha + \beta_1 \log I_i + \beta_2 \log n_i + v_i$$

Uma vez que $\beta_1 = a\beta$, e $\beta_2 = -\beta$, a estimação de a pode ser obtida por $a = -\beta_1/\beta_2$. O autor sugere que se utilize $a \leq 1$ na aplicação empírica do índice para que possa produzir resultados coerentes. Com esta restrição, uma fusão levará sempre a um aumento da concentração medida em proporção dos bancos envolvidos. O índice será mais sensível a fusões entre

bancos de maior dimensão e a entrada de um banco no sector levará a uma diminuição da concentração. No entanto a restrição imposta pelo autor não tem aplicabilidade teórica, uma vez que operações características de mercados oligopolistas apenas se verificam se $a \geq 1$.

Quadro 1 – Indicadores de concentração

Indicadores de concentração	Autores	Características
Rácio de concentração (C_K)		Contempla apenas os K maiores bancos
Índice Hirschman Herfindahl (HH)	Hirschman(1945), Herfindahl(1950)	Considera todos os bancos; é sensível à entrada de novos bancos apesar de dar maior importância aos maiores
Índice de Hall-Tideman (HT)	Hall & Tideman (1967)	Atribui importância ao nº total de bancos, capta a variação na estrutura
Curva de Concentração	Clarke (1993)	Permite uma rápida compreensão do nível de concentração
Índice de Rosenbluth (RI)	Rosenbluth (1955)	Semelhante ao HT, mais sensível à distribuição de pequenos bancos
Índice de Horvath (CCI)	Horvath (1970)	Medida de dispersão, não relativiza a QM do maior banco, tornando-se útil em sectores onde há um banco dominante
Índice de Hannah e Kay (HK)	Hannah & Kay (1977)	Contempla um parâmetro α , podendo atribuir maior importância a pequenos ou grandes bancos
Índice U	Davies (1979)	Contempla um parâmetro α , podendo dar maior ênfase ao nº de bancos ou a desigualdades na distribuição

Fonte: elaboração própria

Para a realização deste trabalho foram considerados adequados os índices de concentração: Rácio de concentração, Hirschman-Herfindahl e Hall-Tideman. O primeiro foi opção por se tratar do indicador mais utilizado em estudos de concentração, sendo que é de fácil interpretação e a sua evolução é bastante representativa da consolidação do sector bancário. O índice de Hirschman-Herfindahl é também amplamente utilizado em estudos desta índole e produz resultados que consideram todos os intervenientes do sector. Por fim, o índice Hall-Tideman foi considerado importante para uma melhor avaliação da estrutura do sector bancário, pela importância que tem na análise da evolução do número de instituições presentes no sector. Outros índices poderiam ser utilizados, no entanto a complementaridade que estes três conferem entre si, permite uma avaliação representativa das alterações que se têm verificado ao longo do período em análise.

2.5. Indicadores de *performance*

Para aferir a *performance* do sector e das instituições bancárias foram calculados os indicadores de eficiência e os indicadores de rentabilidade propostos nos boletins informativos da APB.

A seguinte secção apresenta os indicadores de eficiência e de rentabilidade tidos como relevantes para a análise da *performance* do sector bancário e da *performance* das instituições bancárias consideradas individualmente. A análise de indicadores de eficiência e rentabilidade pretende dar evidência, ainda que possa ser apenas intuitiva, de alterações na *performance* antes e após operações de concentração.

Para compreender os impactos que as operações de concentração possam ter tido na *performance* das instituições avaliadas individualmente, será feita uma comparação recorrendo à análise da evolução dos indicadores de eficiência e dos indicadores de rentabilidade no período anterior e no período posterior às operações de concentração de cada instituição.

Para a avaliação da *performance* do sector bancário os indicadores de *performance* utilizados foram crédito e depósitos por empregado, número de empregados por balcão e *cost-to-income*, rentabilidade do ativo (ROA) e a rentabilidade do capital (ROE). Para a avaliação da *performance* das instituições foi considerado o *cost-to-income*, a rentabilidade do ativo e a rentabilidade do capital.

Indicadores de eficiência

Crédito e depósitos por empregado e número de empregados por balcão

O rácio de crédito e depósitos por empregado será analisado conjuntamente com o rácio de empregados por balcão, pois em conjunto os rácios permitem uma melhor definição da produtividade dos recursos humanos. O primeiro indicador reflete a capacidade que cada trabalhador tem na captação de crédito e depósitos, o segundo indicador traduz o número médio de empregados afetos a cada balcão.

Ao relacionar o valor agregado do crédito e dos depósitos, com os recursos humanos necessários à sua captação, o indicador analisa a produtividade dos recursos humanos das instituições bancárias.

Cost-to-income

O rácio *cost-to-income* é calculado pelo quociente entre os custos operativos e o produto bancário. Os custos operativos resultam da soma dos custos com pessoal, gastos gerais administrativos e depreciações e amortizações. Este rácio reflete a capacidade que o banco tem de obter ganhos resultantes da atividade bancária de acordo com os custos operativos que levaram a esses ganhos. O rácio pode ser diminuído quer através da redução dos custos, quer do aumento do produto bancário, sendo que quanto menor o rácio for, maior será a eficiência do banco.

Este indicador é utilizado pelas instituições para definir objetivos quer de indução à produção, quer de contenção de custos. É também utilizado por algumas entidades externas para avaliar e comparar a performance das instituições bancárias.

Indicadores de rentabilidade

Rentabilidade do ativo (ROA)

A rentabilidade do ativo ou *return on assets*, é calculado pelo quociente entre o resultado líquido e o ativo líquido e corresponde à capacidade que a instituição tem de produzir lucro, tendo por base os seus ativos. Deste modo, uma maior rentabilidade do ativo está associada a uma melhor performance da instituição.

Rentabilidade do capital (ROE)

A rentabilidade do capital ou *return on equity*, resulta do quociente entre o resultado líquido e o capital próprio. Representa o retorno que os acionistas obtêm pelo capital que investem no banco. A avaliação da evolução do rácio demonstra a eficiência da instituição na criação de valor para os acionistas.

3. ANÁLISE EMPÍRICA

A presente secção contempla a evolução dos índices de concentração selecionados, compreendendo uma análise causa-efeito das operações de fusão ocorridas na concentração do sector. Foram ainda calculados os indicadores de *performance* expostos na secção acima, para aferir, ainda que de forma intuitiva, se as operações de fusão se traduziram em melhores resultados para o sector e para as instituições avaliadas.

Os dados recolhidos são referentes ao período 1992-2012. Foram consideradas para análise da concentração as rúbricas Ativo, Crédito e Recursos de clientes para todas as instituições bancárias a atuar em Portugal, presentes nos balanços de atividade consolidada nos boletins informativos da Associação Portuguesa de Bancos. Os dados referentes ao período 2004-2012 estão disponíveis *online* em www.apb.pt, os dados referentes a períodos anteriores foram pedidos ao Banco de Portugal e facultados por correio eletrónico. Para a análise da eficiência, foram utilizados os dados dos balanços e das contas de exploração disponíveis nos mesmos boletins informativos.

3.1. Evolução dos índices

Índice de concentração C_5

Entre 1992 e 2000, o sector bancário português incluía 7 instituições bancárias que se destacavam das restantes pelo seu tamanho. Da vaga de fusões e aquisições ocorrida nessa década¹⁸ resultaram 5 principais grupos bancários consolidando-se destacadamente nas 5 primeiras posições ordinais do sector¹⁹. Foi portanto considerado adequado para os objetivos do presente estudo assumir $k=5$, uma vez que as instituições alvo da análise são as que atualmente têm um maior controlo sobre o sistema bancário.

O Gráfico 1 ilustra o crescente aumento da quota de mercado dos 5 maiores bancos, com principal ênfase entre 1999 e 2000. Os 5 maiores bancos detinham em 1992, 55% do ativo total do sector, valor que chegou a ascender aos 75,5% em 2010, tendo decrescido 3,5 pontos percentuais até 2012. A primeira grande variação do índice verifica-se de 1994

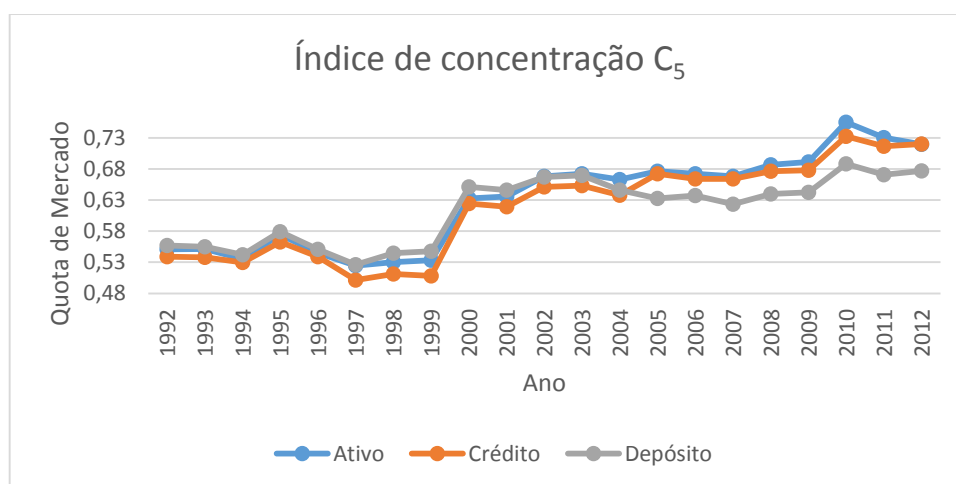
¹⁸ A maioria das fusões ocorreram diretamente entre os maiores bancos o sector.

¹⁹ Consultar apêndice F.

para 1995, tendo subido 4 pontos percentuais. Esse ano foi caracterizado pela ascensão do BPSM à 3 posição, tendo mais que duplicado o seu ativo²⁰²¹. Ainda o BCP também se consolidou pela aquisição do BPA, tendo quase duplicado a sua quota de mercado.

Alguns estudos sobre o sector bancário português têm justificado o grande aumento de concentração registado entre 1999 e 2000 (10 pontos percentuais) pela entrada do banco Santander Totta no sector bancário português. No entanto o processo de consolidação do Santander, apesar de se ter iniciado em 2000, culminou apenas em 2004 aquando da fusão das marcas BTA e CPP no Banco Santander Totta, tendo-se por essa altura posicionado de forma consolidada entre a 4ª e 5ª posição do ranking em termos de ativo. Em termos de quota de mercado o Santander subiu 6 pontos percentuais, não se refletindo esse aumento no índice uma vez que veio substituir o BTA, que ocupava a 4ª posição no ano anterior com uma quota de mercado relativamente próxima daquela. De facto, o aumento da concentração no ano 2000 é maioritariamente explicado pelo aumento em mais de 7 pontos percentuais da quota de mercado do Millenium BCP²², devido à sua fusão com o BM e o BPSM, sendo que o BPSM foi o que mais influenciou a inflação da quota de mercado, pois era o 4º maior banco em termos de ativo no ano anterior. De salientar que a evolução da concentração do crédito e dos depósitos acompanha a tendência evolutiva do ativo, sendo que entre 2003 e 2007 se verifica uma quebra na concentração dos depósitos.

Gráfico 1 –Evolução do rácio de concentração C₅



Fonte: elaboração própria com base nos boletins informativos da APB

²⁰ Nesse ano concluiu-se a privatização do BPSM, tendo sido comprada por António Champalimaud

²¹ Consultar os apêndices E e F.

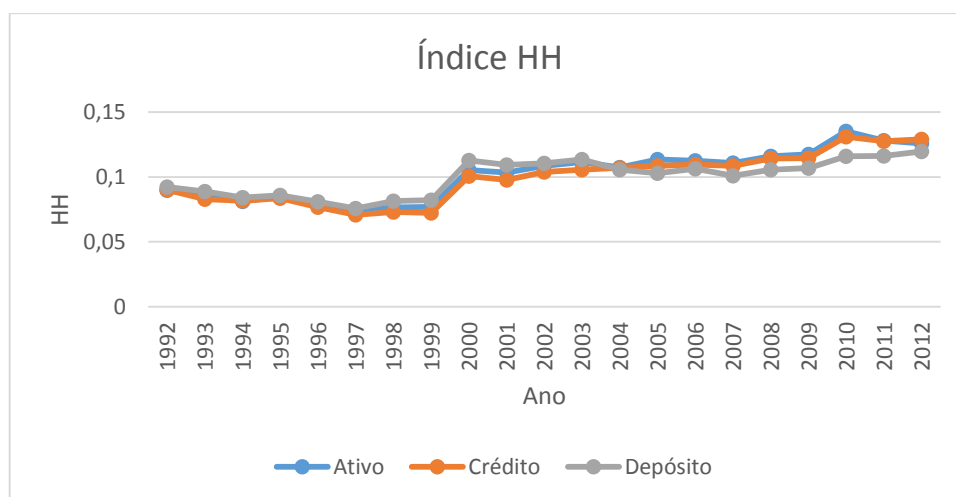
²² Consultar apêndice E.

Índice Hirschman-Herfindahl

O HH é um dos principais instrumentos reguladores de operações de concentração nos Estados Unidos. O Departamento de Justiça dos Estados Unidos catalogou valores do índice para possibilitar uma aplicabilidade prática definida na lei da concorrência. São proibidas operações de concentração cujos valores do índice HH ultrapassem 0.18 e aumentem o índice em mais de 0.02 após a operação de concentração.

Os mercados são considerados não concentrados para valores do índice inferiores a 0.10, moderadamente concentrados para valores entre 0.10 e 0.18 e muito concentrados quando apresentam um índice superior a 0.18 (Lijesen 2004).

Gráfico 2 – Evolução do Índice Hirschman-Herfindahl



Fonte: elaboração própria com base nos boletins informativos da APB

Como se pode verificar pelo gráfico 2, no período que antecede 2000 o sector bancário português era não concentrado e apresentava uma tendência de concentração decrescente, a par com o verificado pelo rácio de concentração C_k . Denota-se no entanto uma atenuação do decrescimento da concentração através deste índice, possivelmente explicado pelo aumento do número de instituições nesse período²³. Relativamente à segunda parte da amostra, esta foi pautada por uma grande redução no número de instituições, anulando de certa forma o forte crescimento da concentração que se poderia ter verificado na análise deste índice. Entre 2003 e 2012, o número de instituições a operar

²³ Consultar o apêndice G

em Portugal reduzido de 53 para 31. Ainda assim o índice produz para esse período valores acima de 0,10 considerando-se o sector moderadamente concentrado. O HH vem confirmar as principais evidências observadas no rácio de concentração C_k : tendência decrescente da concentração no período anterior a 2000; elevado aumento da concentração entre 1999 e 2000; tendência crescente de concentração a partir desse ano. Pode ainda observar-se que os níveis de concentração dos depósitos estão mais próximos dos níveis de concentração do ativo e do crédito, quando avaliados por este índice, o que poderá ser indício de que a sua captação está distribuída de forma mais igualitária pelos bancos que compõem o sector.

A partir de 2010, é visível a desaceleração da queda do índice para o crédito e o aumento da concentração para os depósitos. A implementação do Programa de Assistência Financeira negociado em 2011 com a União Europeia e o Fundo Monetário Internacional impôs um pacote de medidas, entre as quais a redução do rácio crédito/depósitos para 120% até 2014, aplicável aos oito maiores grupos bancários portugueses. Para cumprir com o objetivo, a banca começou a praticar políticas de captação de depósitos mais agressivas, o que poderá justificar a subida do índice de concentração dos depósitos entre 2010 e 2012.

Índice Hall-Tideman

Este índice dá maior importância ao número de bancos e é mais sensível à presença de pequenos bancos do que o índice HH, pois as quotas de mercado são multiplicadas pelo ranking que ocupam no mercado, sendo que aos bancos de menor dimensão são atribuídos os últimos números do ranking. Ainda assim, as primeiras instituições do ranking terão maior representatividade do que as das posições finais, visto que as suas quotas de mercado são tão baixas que mesmo sendo multiplicadas por um número de ordem superior, produzirão valores mais baixos.

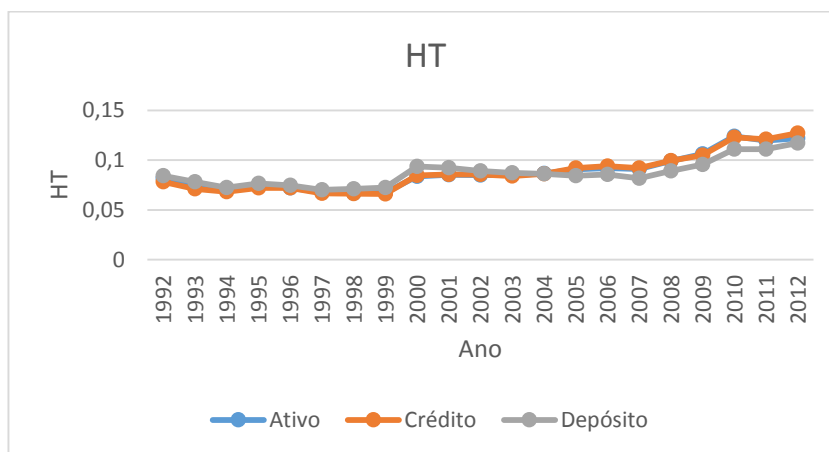
O sector bancário português tem-se caracterizado por fortes alterações na sua estrutura, quer pelo aumento crescente da concentração, quer pela recente diminuição do número de instituições. Sendo que normalmente as instituições que surgem são de menor dimensão e as que desaparecem podem ser de dimensão variável²⁴, este indicador deverá

²⁴ O desaparecimento de uma instituição poderá estar relacionado por um lado, com a sua incorporação noutra instituição, ou por outro lado por insolvência ou razões de outra natureza que possam levar ao seu encerramento. O desaparecimento por via da incorporação, está normalmente associado a instituições de maior dimensão e o desaparecimento por outros motivos não está necessariamente relacionado com o

produzir valores mais acentuados com o desaparecimento das instituições do que com a entrada de novas instituições no mercado.

Dividindo o período observado de 1992 a 2000 e de 2000 a 2012, verifica-se que a variação deste índice no primeiro período é muito inferior à variação observada no segundo período da amostra. O mesmo acontece para o índice HH, mas não de forma tão acentuada. No primeiro período, caracterizado pelo aumento do número de instituições, o índice HH teve uma variação de -14,44% e o índice HT uma variação de -17,76%. Já no segundo período, tendo-se verificado uma diminuição do número de instituições, os índices apresentam uma variação mais desigual tendo o primeiro variado 19,41% e o segundo 45,74%, tal como se pode verificar pela tabela 1. Complementado a análise com o gráfico que representa a evolução do número de instituições²⁵, pode concluir-se que os valores do índice foram fortemente extrapolados pela forte redução do número de instituições: entre 1992 e 1999, surgiram 19 instituições e entre 2000 e 2012 desapareceram 15 instituições. Desta forma, este índice demonstrou-se eficiente quer na análise da concentração no sector, quer na análise das alterações estruturais de que foi alvo.

Gráfico 3 – Evolução do índice Hall-Tideman



Fonte: elaboração própria com base nos boletins informativos da APB

tamanho. Por outro lado, o aparecimento de uma instituição dificilmente estará associado com instituições de maior dimensão, uma vez que a entrada num sector bancário concentrado como o português implica um crescimento progressivo.

²⁵ Consultar apêndice G

Tabela 1- Variação percentual dos índices de concentração HH e HT nos períodos 1992-1999 e 2000-2012

Período	HH	HT
1992-1999	-14,44%	-17,76%
2000-2012	19,41%	45,74%

Fonte: elaboração própria

3.2. Performance do sector bancário

Para a análise da *performance* do total do sector considerou-se relevante dividir a amostra em dois períodos, de modo a permitir a comparabilidade entre um período caracterizado por baixos níveis de concentração e entre um período com um nível de concentração moderada²⁶. Será comparada a evolução dos indicadores para o período 1993-1999²⁷ com o período 2000 a 2009.

Pretendendo compreender o impacto da concentração no sector bancário, o período de 2010 a 2012 não foi considerado na análise da performance, uma vez que este apresenta valores enviesados devido ao contexto da crise financeira. Os impactos do aumento da concentração bancária na performance, a verificarem-se, revelam-se no período imediatamente após o aumento da concentração, considerando-se assim pouco relevante para o objeto de estudo, a análise posterior a 2009.

Crédito e depósitos por empregado e número de empregados por balcão

A evolução do crédito e depósitos por empregado teve um desenvolvimento positivo em ambos os períodos. No primeiro período, o rácio teve um crescimento de 51% a uma taxa de crescimento média anual de 10,7%, no segundo período o rácio teve um crescimento de 43% a uma taxa de crescimento média anual de 6,5%.²⁸

O segundo período apresenta assim uma pior performance na captação de crédito e depósitos por empregado. A taxa de crescimento média anual do crédito somado aos depósitos foi 8,4% no segundo período, o que indicia que a pior performance verificada tenha resultado mais da forte variação do número de empregados nesses anos do que da

²⁶ Recorde-se que o nível concentração bancária medida pelo rácio C_k aumentou 10 pontos percentuais entre 1999 e 2000, constituindo (em larga escala) a maior variação observada no período.

²⁷ Por indisponibilidade dos dados, o ano de 1992 não será avaliado

²⁸ Consultar os apêndices A e B, para acompanhar a análise desta secção.

contração de crédito e depósitos. Relativamente ao rácio do número de empregados por balcão, verificou-se uma evolução positiva ao longo de todo o período e apesar de se ter verificado uma maior ineficiência no primeiro período, a evolução teve sempre uma tendência de diminuição deste rácio, tendo-se mantido mais ou menos constante no segundo período. Esta melhoria de eficiência foi fruto do crescente desenvolvimento de canais alternativos através dos quais os clientes podem realizar as suas operações bancárias. O desenvolvimento tecnológico potenciou a optimização das redes de ATM's e dos serviços de *homebanking*, permitindo aos clientes uma maior comodidade e evitando assim que se deslocassem com tanta frequência às agências bancárias.

Cost-to-income

O sector apresenta uma melhoria na eficiência traduzida pelo rácio *cost-to-income* no período mais recente da análise. O *cost-to-income* entre 1993 e 1999 foi em média 0,61 tendo-se reduzido para um valor médio de 0,57 no período 2000 a 2008. Auxiliando a análise com o gráfico deste rácio, pode verificar-se uma tendência da sua redução no segundo período, tendo diminuído de 0,59 em 2000 para 0,55 em 2008.

Rentabilidade do ativo e rentabilidade do capital

Entre 1993 e 1999 o sector apresentou uma rentabilidade média do ativo de 0,57%, tendo elevado esse valor para 0,65% no período seguinte. A rentabilidade média do capital evolui de 11,8% no primeiro período para 12,8% no segundo período em análise.

A seguinte tabela resume a evolução dos indicadores

Tabela 2: Evolução dos indicadores de eficiência

	1993-1999	2000-2008
Cost-to-income	0,61	0,57
ROA	0,57%	0,65%
ROE	11,80%	12,80%

Fonte: elaboração própria

3.3. Performance das instituições bancárias²⁹

Caixa Geral de Depósitos

A CGD adquiriu o BNU em 2001. No ano anterior à fusão, o BNU ocupava a nona posição no ranking das instituições em termos de ativo, com uma quota de mercado de 3%. Esta operação de fusão distingue-se das realizadas noutros bancos por incluir um banco de menor dimensão, não se podendo afirmar que a fusão tenha tido muito impacto na dimensão da CGD, tanto que a sua quota de mercado em 2001 reduziu relativamente a 2000, tendo recuperado a tendência de crescimento nos anos seguintes. Deste modo, esta fusão não será a mais representativa para retirar conclusões relativamente às mudanças de *performance* induzidas por operações de concentração.

O rácio *cost-to income* desta instituição apresenta uma variação muito heterogénea ao longo do período em análise, tendo aumentado de 0,53 para 0,63 entre 1997 e 1999, diminuindo para 0,54 em 2000 e para 0,48 no ano da fusão, voltando a aumentar gradualmente nos anos seguintes. Apesar de se verificar uma maior eficiência operacional desta instituição no ano da fusão, a forte variância do rácio não permite concluir que tenha sido resultado da fusão.

A rentabilidade do ativo apresenta-se quase sempre superior à verificada no sector, sendo que a diferença se verifica com maior impacto entre 2000 e 2004. A rentabilidade do capital apresenta uma configuração semelhante à rentabilidade do ativo, apresentando maiores rentabilidades relativamente ao sector no mesmo período.

Millenium BCP

O BCP iniciou o processo de aquisição do BPA em 1995, que era o segundo maior banco em termos de ativo no ano anterior. Com a operação de concentração, o BCP quase duplicou a sua quota de mercado nesse ano passando a ser o segundo maior banco do sector³⁰. Em 2000, dá-se a conclusão do processo de aquisição do BPA e a aquisição do BPSM e do BM. Com esta operação, a quota de mercado do BCP aumentou 37%.

²⁹ Consultar os apêndices C e D, para acompanhar a análise desta secção.

³⁰ Consultar o apêndice F

Após a aquisição parcial do BPA em 1995, o BCP apresentou melhorias significativas na sua eficiência operacional, tendo reduzido gradualmente o seu rácio de *cost-to-income* de 0,54 em 1995 para 0,44 em 1999. No entanto, após a aquisição do BPSM e do BM em 2000, este rácio sofreu um súbito aumento de 0,44 para 0,61 apresentando-se sempre mais ineficiente do que o sector no seu conjunto a partir desse ano.

A rentabilidade do ativo diminuiu de forma repentina de 1994 para 1995, no entanto a rentabilidade em 1994 foi anormalmente elevada, tendo constituído um aumento de 40% relativamente ao ano anterior. Após 1995, o rácio cresceu de forma constante até 1999, verificando-se um aumento de 66% no rácio. Em 2000 e 2001, logo após as operações de fusão, o banco manteve uma boa rentabilidade, no entanto uma forte diminuição nos proveitos acompanhada pelo aumento dos custos, levou a uma redução de quase 50% do resultado líquido, diminuindo o rácio quase para metade em 2002³¹. Este indicador voltou a apresentar uma evolução positiva até 2006, data após a qual se verificou uma queda, acompanhando a evolução negativa do sector no seu conjunto.

BES

O BES é dos bancos avaliados aquele que mais pautou o aumento do seu poder de mercado pelo crescimento endógeno em detrimento de operações de fusão e aquisição. A única operação de concentração em que esteve envolvido ocorreu apenas em 2006 pela incorporação do BIC. Esta operação não teve um impacto significativo na quota de mercado do BES, pois os custos da operação igualaram os proveitos resultantes das sinergias operacionais. A incorporação teve como principal objetivo uma melhoria da rentabilidade. Ao nível da eficiência operacional, o BES é daqueles que apresenta melhores resultados, mantendo a partir de 1996 um rácio *cost-to-income* sempre inferior ao do sector como um conjunto. No ano da incorporação, o rácio diminuiu de 0,56 para 0,52 e no ano seguinte para 0,48. O valor médio deste indicador entre 2006 e 2012 foi 0,49. O BES apresenta um rácio de rentabilidade do ativo inferior ao da rentabilidade verificada no sector até 2006, apresentando resultados superiores relativamente ao sector a partir desse período. Entre 1999 e 2006, a rentabilidade do capital apresentou uma tendência decrescente, e apesar da subida no em 2007, a tendência voltou a verificar-se nos anos

³¹ Esta variação negativa é em grande parte explicada pela redução dos juros e rendimentos equiparados e pelo aumento do crédito vencido e outros riscos.

seguintes, apresentando no entanto rentabilidades superiores às verificadas no total do sector.

Santander Totta

Na condição de maior banco estrangeiro a operar em Portugal, o Santander Totta, a par com o BES, caracteriza-se por uma *performance* exímia, apresentando melhores desempenhos do que o sector no seu conjunto em todos os rácios avaliados, ao longo de todo o período analisado.

Apesar de estar presente no sector bancário português desde 1998, as operações de aquisição do BTA e do CPP em 1999, só se refletiram na quota de mercado do Santander Totta em 2004, aquando da reestruturação do grupo. A quota de mercado do Santander em 2003 era 1,3%, tendo aumentado para 7,77% em 2004. Entre 2004 e 2012, o rácio de *cost-to income* médio foi 0,46 sendo consideravelmente inferior ao do sector, que foi 0,57. Este banco caracteriza-se neste período por rentabilidades do ativo e do capital sempre superiores às verificadas no sector total, sendo que a rentabilidade média do ativo foi 0,91% e a rentabilidade média do capital foi 18%, ao passo que no sector estes valores foram 0,37% e 6,1%, respetivamente.

Banco BPI

Com a aquisição do BFE e do BBI em 1996, o BPI reforçou a sua quota de mercado em 45%. Em 1998, é criado o Banco BPI que resultou da fusão dos bancos supramencionados com o BFB (adquirido em 1991), tendo-se consolidado na 5ª posição em termos de ativo total do sector 3 anos após a sua criação. Durante o esse período o Banco BPI reforçou a sua quota de mercado em 33%. Ao longo do período avaliado, apresenta um desempenho sempre inferior ao verificado no total do sector, com o seu rácio de *cost-to-income* a apresentar resultados muito elevados. O banco tornou-se particularmente ineficiente após a fusão do BFE, do BBI com o BFB, atingindo o pico de ineficiência operativa em 1999. A partir desse ano, o banco reduziu este rácio progressivamente até 2005, ano a partir do qual se tornou mais próximo do nível de eficiência operativa global do sector.

A rentabilidade do ativo acompanhou a evolução da rentabilidade verificada no sector, apresentando piores resultados nos 3 anos posteriores à fusão dos 3 bancos. A

rentabilidade do capital aumentou significativamente com as aquisições do BFE e do BBI, piorando após a fusão ocorrida em 1998.

4. CONCLUSÃO

Os efeitos que o aumento da concentração bancária produz na *performance* do sector e das instituições envolvidas em operações de concentração tem sido alvo de debate em vários estudos sobre o tema. O presente estudo teve como objetivo aferir de forma intuitiva sobre os efeitos da concentração na *performance* do sector bancário português através da análise estatística da evolução dos índices de concentração complementada pela análise dos indicadores de eficiência e indicadores da rentabilidade. As características do sector bancário português são sugestivas para a análise desta matéria por possibilitarem a comparação entre um período marcado por baixos níveis de concentração com um período de concentração moderada.

Os resultados da análise da *performance* ao total do sector demonstram que houve um melhor desempenho no período caracterizado por maior nível de concentração, tendo-se verificado uma melhoria no desempenho em todos os indicadores avaliados. Os resultados sugerem que as operações de concentração possam deste modo, aumentar a *performance* do sector bancário. No entanto, o primeiro indicador poderá refletir de forma menos acentuada os efeitos da concentração, uma vez que a evolução do ativo, do crédito e dos depósitos e do número de empregados dependem de um conjunto de factores muito abrangente. Os indicadores de eficiência operacional e das rentabilidades, serão deste modo mais representativos dos efeitos que a concentração possa ter na *performance* do sector e das instituições que o compõem.

Por outro lado, nem sempre as operações de concentração tornaram as instituições envolvidas mais eficientes. O estudo revela que cada operação de concentração tem características próprias e objetivos diferentes consoante a instituição bancária. Com esta análise verificou-se que as instituições que pautaram o aumento da dimensão pelo crescimento endógeno obtiveram melhores *performances* de uma forma mais consistente. Por outro lado as instituições envolvidas em grandes fusões, revelaram pior *performance* sobretudo ao nível da eficiência traduzida pelo rácio *cost-to-income*.

Assim, apesar da melhoria de desempenho do sector, algumas instituições obtiveram piores *performances* após as operações de concentração. As fusões caracterizadas por maior sucesso no desempenho demonstram que é possível que o aumento da concentração se traduza em melhor *performance* para a instituição.

Bibliografia

- Alegria, C., Schaeck, K. (2007), On measuring concentration in banking systems. *Finance Reseacher Letters* 5 (2008), 59-67.
- Almeida, Paulo Pereira de (2001), Banca e Bancários em Portugal. Diagnóstico e mudança nas relações de trabalho, Oeiras, *Celta Editora*.
- Andrade, Gregor and Mitchell, Mark L. and Stafford, Erik, New Evidence and Perspectives on Mergers (January 2001). *Harvard Business School Working Paper No. 01-070; HBS Finance Working Paper No. 01-070*.
- Angelini, P., & Cetorelli, N. (2000). Bank competition and regulatory reform: The case of the Italian banking industry. *Banking*. doi:10.3886/DDIBestPractices02
- Associação Portuguesa de Bancos (1992 - 2012), *Boletim Informativo*, 11 – 43, Lisboa.
- Barth, James R., Gerard Caprio Jr., and Ross Levine, (2004), Bank Supervision and Regulation: What Works Best?. *Journal of Financial Intermediation*, forthcoming.
- Barros, P.P., D. Bonfim, M. Kim e N. C. Martins (2010), Counterfactual Analysis of Bank Mergers, *Banco de Portugal Working Paper 5/2010*.
- Beck, T., Levine, R., & Demirgüç-kunt, A. (2003). Bank Concentration and Crises. *NBER Working Paper*. doi:10.3386/w9921.
- Beck, T., Demirgüç-Kunt, A., & Levine, R. (2006). Bank concentration, competition, and crises: First results. *Journal of Banking and Finance*, 30, 1581–1603. doi:10.1016/j.jbankfin.2005.05.010
- Berger, A. N., DeYoung, R., Genay, H., & Udell, G. F. (2000). Globalization of Financial Institutions: Evidence from Cross-Border Banking Performance. *Brookings-Wharton Papers on Financial Services*. doi:10.1353/pfs.2000.0001

- Berger, A. N., Saunders, A., Scalise, J., Udell, G., (1998), The Effects of Bank Mergers and Acquisitions on Small Business Lending, *Journal of Financial Economics*, 50, pp. 187-229.
- Bikker, J.A., Haaf, K. (2002), Competition, concentration and their relationship: An empirical analysis of the banking industry. *Journal of Banking and Finance* 26, 2191–2214.
- Bikker, J. A., & Haaf, K. (2002). Measures of Competition and Concentration in the Banking Industry : a Review of the Literature. *Central Bank of the Netherlands*. 1–46.
- Borges, Maria (1994), O Sector Bancário Português: Evolução Recente, Grupos Estratégicos e Perspectivas Futuras, *Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Economia*, Lisboa, UTL – Instituto Superior de Economia e Gestão, p.169.
- Boyd John H., and David E. Runkle, (1993). “Size and Performance of Banking Firms: Testing the Predictions of Theory.” *Journal of Monetary Economics* 31, 47-67.
- Boyd, J. e G. De Nicoló (2005), The theory of bank risk taking and competition revisited, *Journal of Finance*, 60, 1329-1343.
- Canhoto, Ana (2001), Henderson, David R. e Neves, João César das (coord.), «O sistema bancário português», *Enciclopédia de Economia*, 2.^a ed./reimp., Lisboa, Pricipia, p. 424-427.
- Carvalho, A. S. Margarita (2007), Fusões e Aquisições no Sector Bancário: Homogeneização ou Diferenciação dos Produtos Bancários?, *Dissertação de Mestrado*, Universidade do Minho, Portugal.
- Cetorelli, N. (1999), Competitive Analysis in Banking: Appraisal of the Methodologies. *Economic Perspectives*, vol. 23. Federal Reserve Bank of Chicago, pp. 2–15.
- Clarke, R., and Davis, S. W. (1983). Aggregate concentration, Market concentration and diversification. *The Economic Journal*, Vol. 93, pp. 182-192.

- Costa, Carlos Silva (2012), O Sistema Financeiro Português e o Papel do Banco de Portugal, Macau, *Banco de Portugal, Eurosistema*
- Davies, S.W. (1979), Choosing between Concentration Indices: The Iso-Concentration Curve, *Economica* 46, 67-75.
- Erreygers, G. (2009). Correcting the Concentration Index. *Journal of Health Economics*, 28, 504–515. doi:10.1016/j.jhealeco.2008.02.003.
- Focarelli, D., & Panetta, F. (2003). Are Mergers Beneficial to Consumers? Evidence from the Market for Bank Deposits. *American Economic Review*. doi:10.1257/000282803769206241
- Hall, M., and Tideman, N., (1967). Measures of concentration. *Journal of the American Statistical Association*, Vol. 62, pp. 162-168.
- Hannah, L., J.A. Kay (1977), Concentration in Modern Industry, *MacMillan Press*, London.
- Hause, J.C. (1977), The Measurement of Concentrated Industrial Structure and the Size Distribution of Firms, *Annals of Economic and Social Measurement* 6, 73-107.
- Hitt, Michael A., R. Duane Ireland, and Robert E. Hoskisson. Strategic Management: Competitiveness and Globalization: Concepts and Cases. Cincinnati, *Ohio: South-Western College Pub*, (1999).
- Horvarth, J. (1970), Suggestion for a Comprehensive Measure of Concentration, *Southern Economic Journal* 36, 446-452.
- Koolman, X., & van Doorslaer, E. (2004). On the interpretation of a concentration index of inequality. *Health Economics*, 13, 649–656. doi:10.1002/hec.884
- Kwan, S., & Eisenbeis, R. A. (1999). Mergers of Publicly Traded Banking Organizations Revisited. *Economic Review (07321813)*, 84, 26.

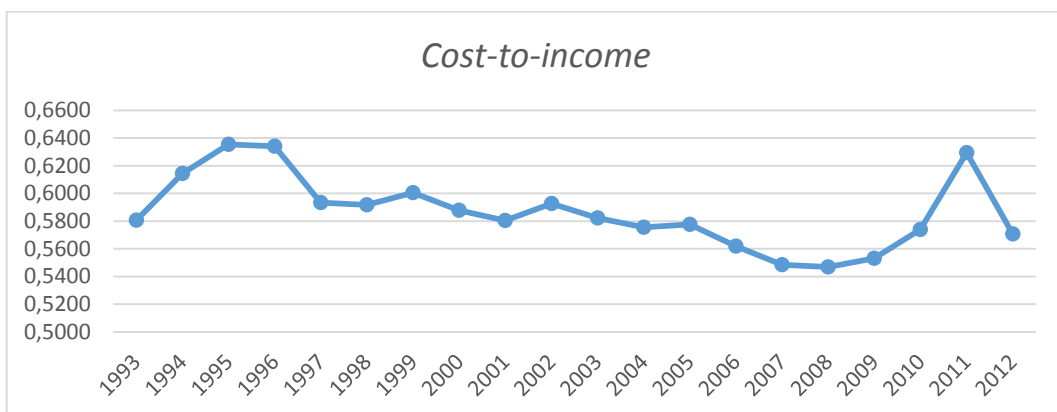
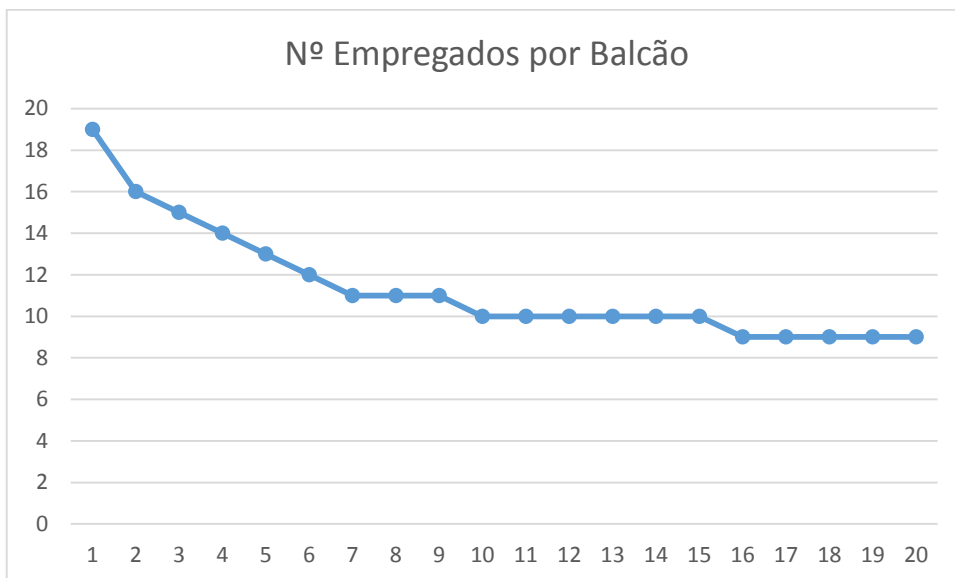
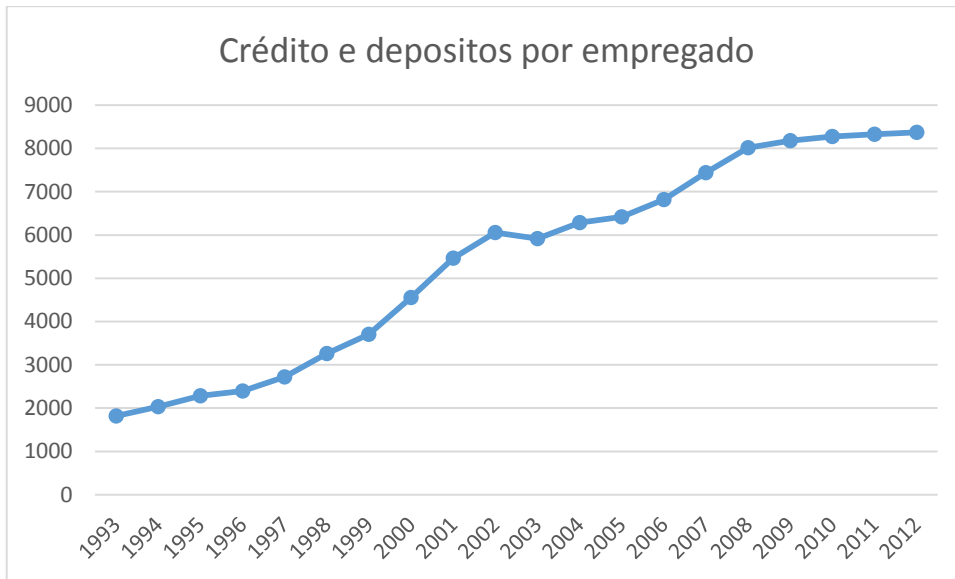
- Lijesen, M. G. (2004). Adjusting the Herfindahl index for close substitutes: an application to pricing in civil aviation. *Transportation Research Part E: Logistics and Transportation Review*, 40(2), 123–134.
- Madrid, C., Bajo, O., & Salas, R. (1999). Inequality foundations of concentration measures: an application to the Hannah-Kay indices, 0425(February), 0–13.
- Mishkin, Frederic S., (1999). “Financial Consolidation: Dangers and Opportunities.” *Journal of Banking and Finance* 23, 675-691.
- Matos, Pedro Verga e Vasco Rodrigues (2000), Fusões e Aquisições: Motivações, Efeitos e Política, *Principia*, Cascais.
- Nunes, Ana Bela et al. (1994), Caixa Económica-Montepio Geral. 150 anos de história. 1844-1994, Lisboa, *ed. do Montepio*.
- Pautler, Paul A. Recent Empirical Evidence on Mergers and Acquisitions, *Antitrust Bulletin* 38:4
- Piloff, S. J., & Santomero, A. M. (1998), The value effects of bank mergers and acquisitions. In Y. Amihud & G. Miller (Eds.), *Mergers of Financial Institutions* (pp.59–78). Norwell, MA: Kluwer Academic.
- Pillof, S. J. (1996). Performance Changes and Shareholder Wealth Creation Associated with Mergers of Publicly Traded Banking Institutions. *Journal of Money, Credit & Banking (Ohio State University Press)*, 28, 294–310. doi:10.2307/2077976
- Rosenbluth, G. (1955), Measures of Concentration, in Business Concentration and Price Policy, *National Bureau Committee for Economic Research*, Princeton, 57-99.
- Shaffer, S. (1994). Bank competition in concentrated markets. *Business Review - Federal Reserve Bank of Philadelphia*, 3.

Tabner, I. T. (2003). The relationship between concentration and realised volatility : an empirical investigation of the FTSE 100 Index January 1984 through March 2003, (January 1984).

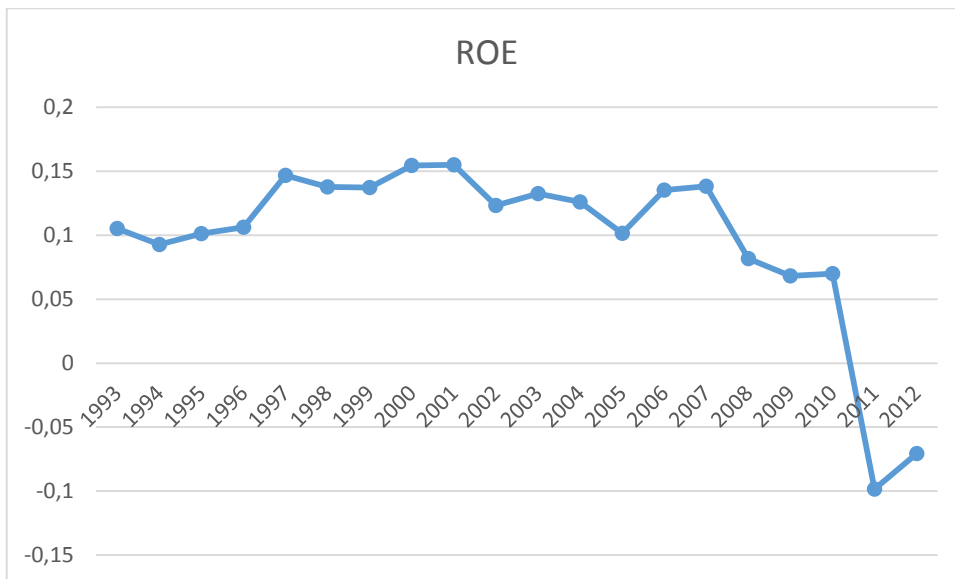
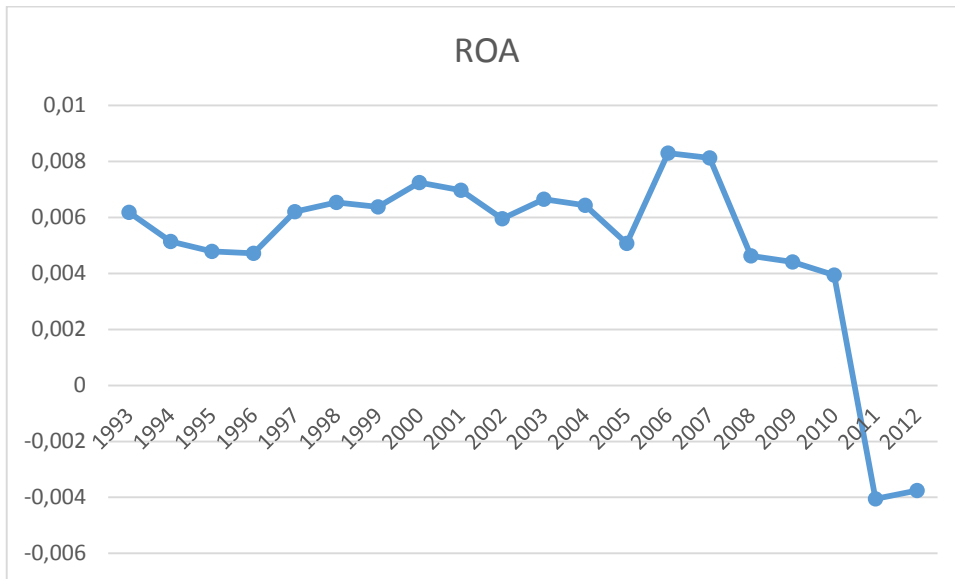
Weston J. F. , K.S. Chung, and S.E. Hoag, Mergers, Restructuring, & Corporate Control, Prentice Hall, (1990).

William J. Baumol, John C. Panzar, & Robert D. Willig (1982). Contestable Markets and the Theory of Industry Structure.

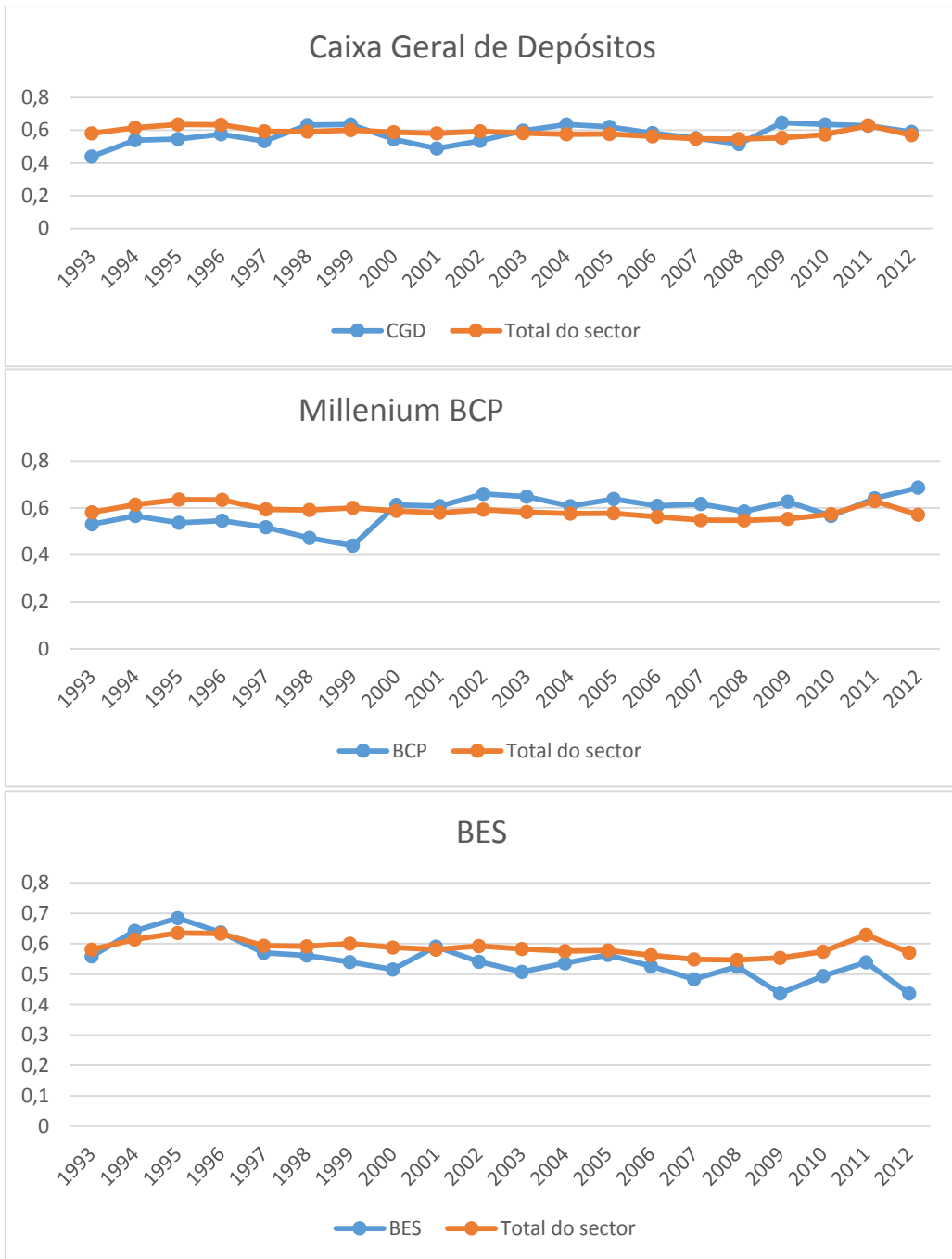
Apêndice A – Indicadores de eficiência do Total do sector

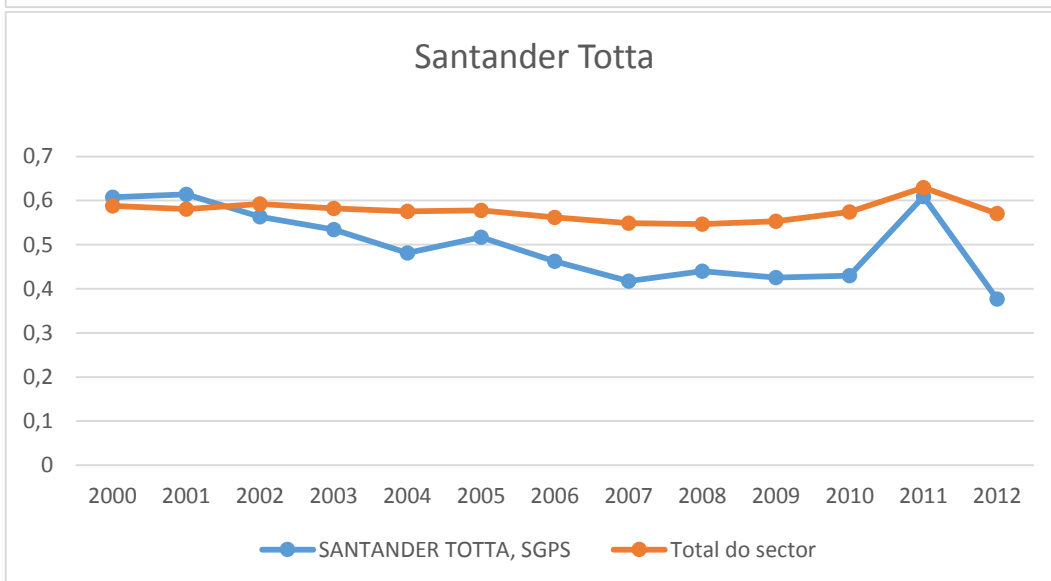
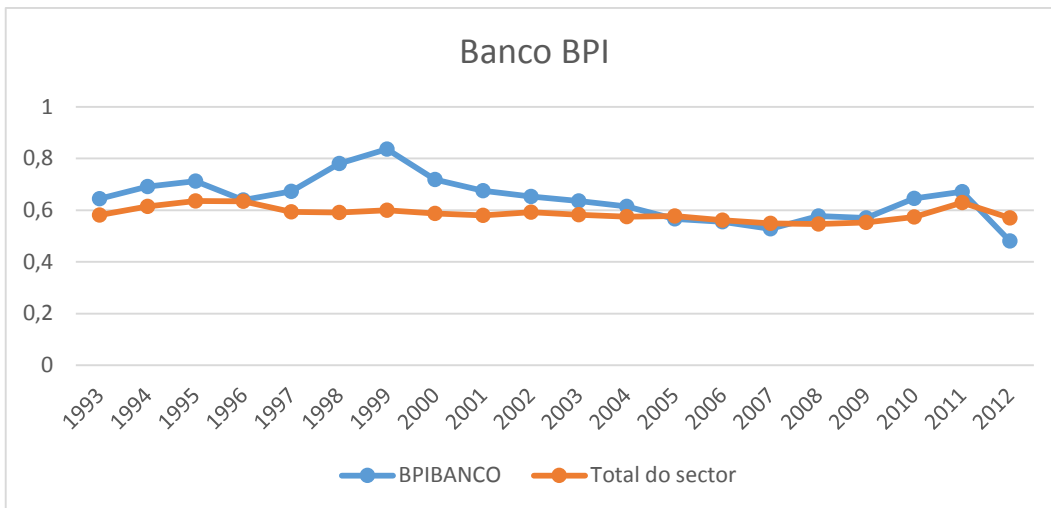


Apêndice B - Indicadores de rentabilidade do Total do sector



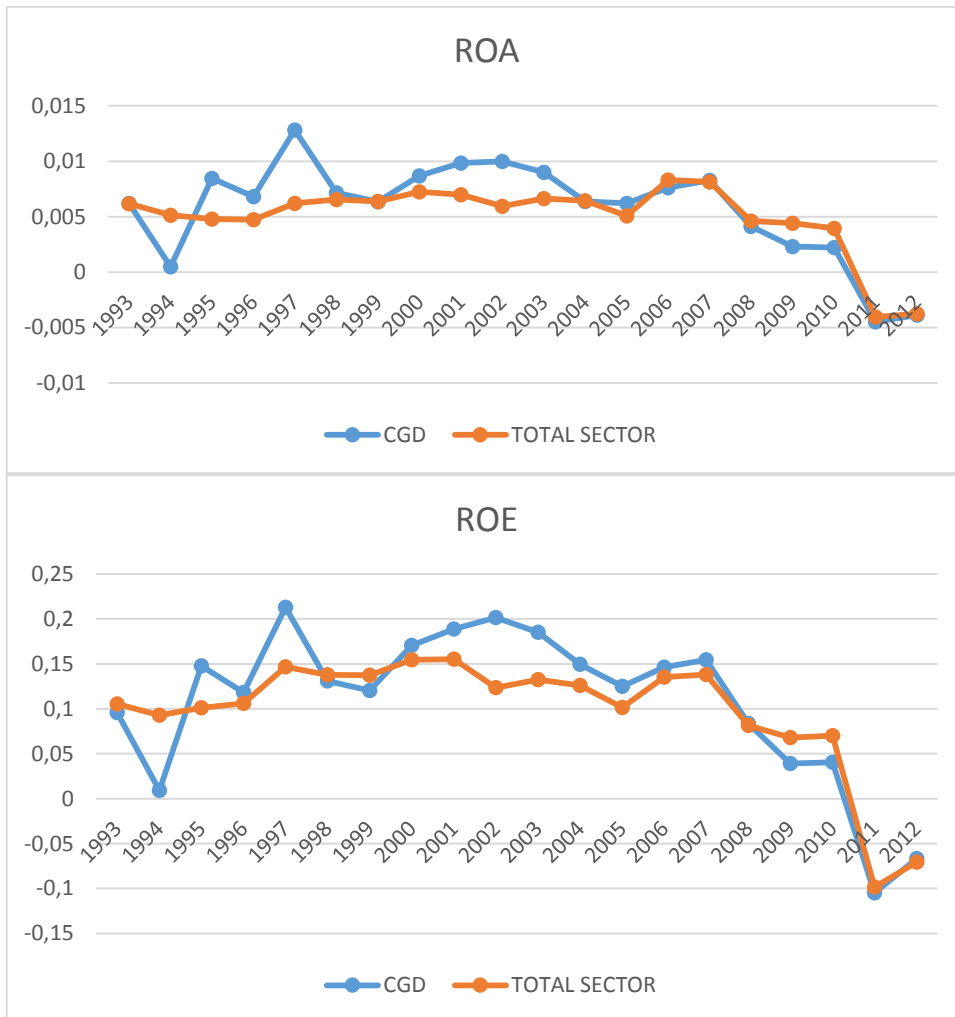
Apêndice C – *Cost-to-income* por instituição



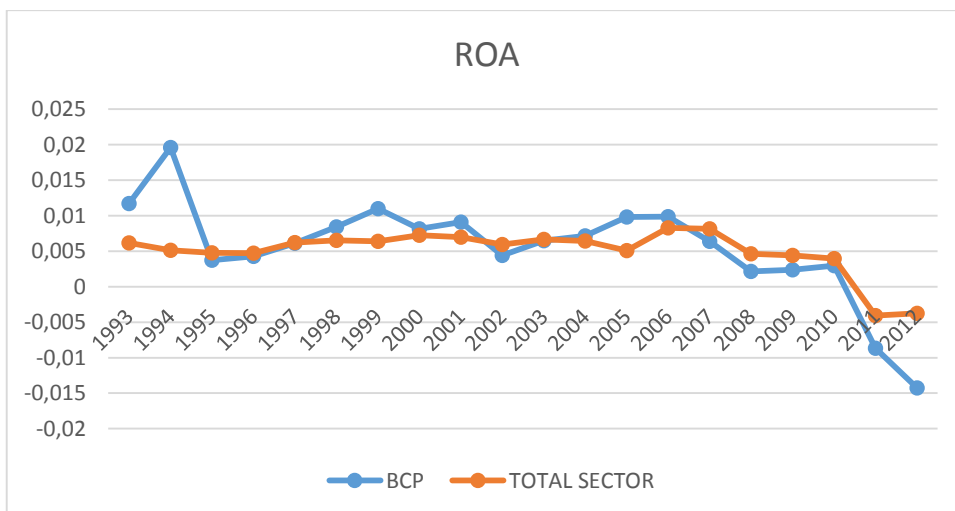


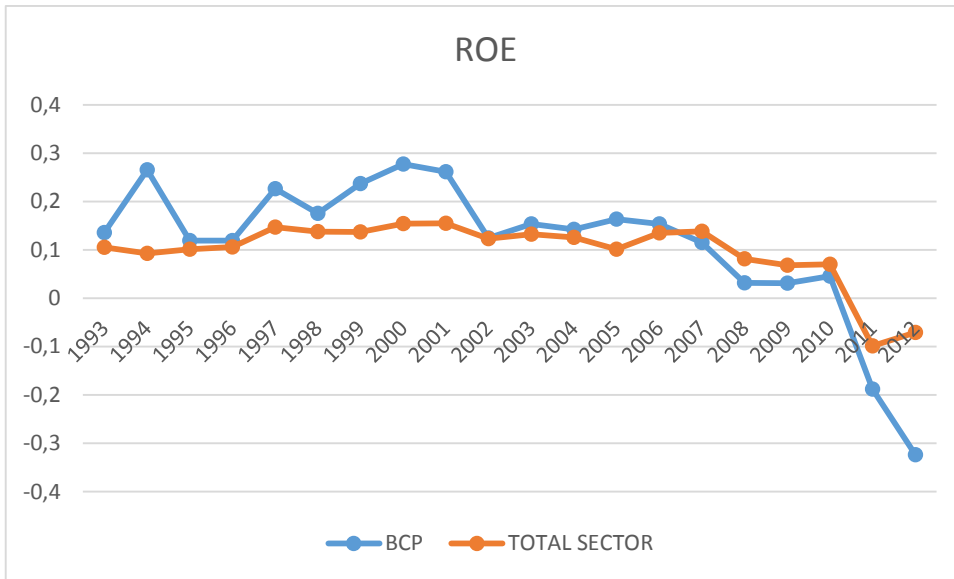
Apêndice D – Rentabilidade por instituição

CGD

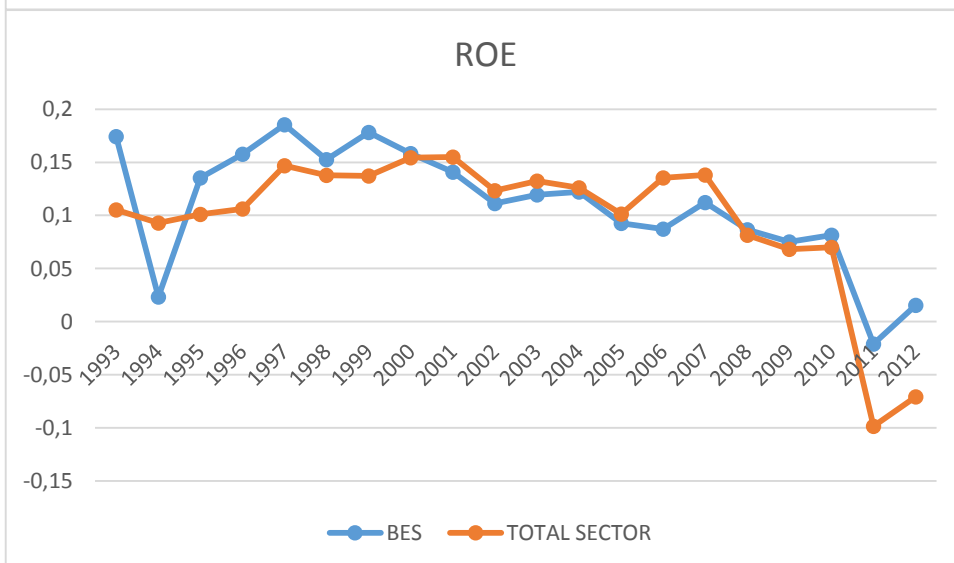
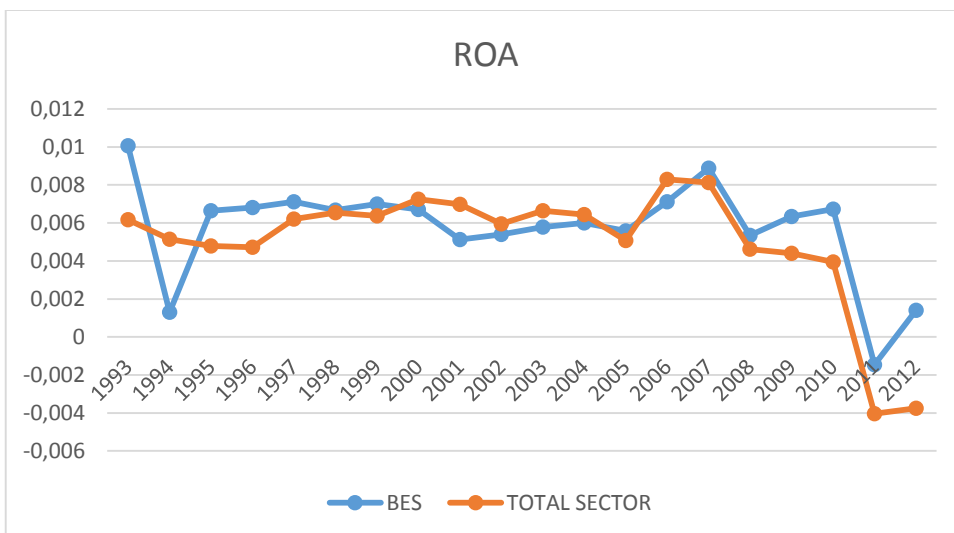


BCP

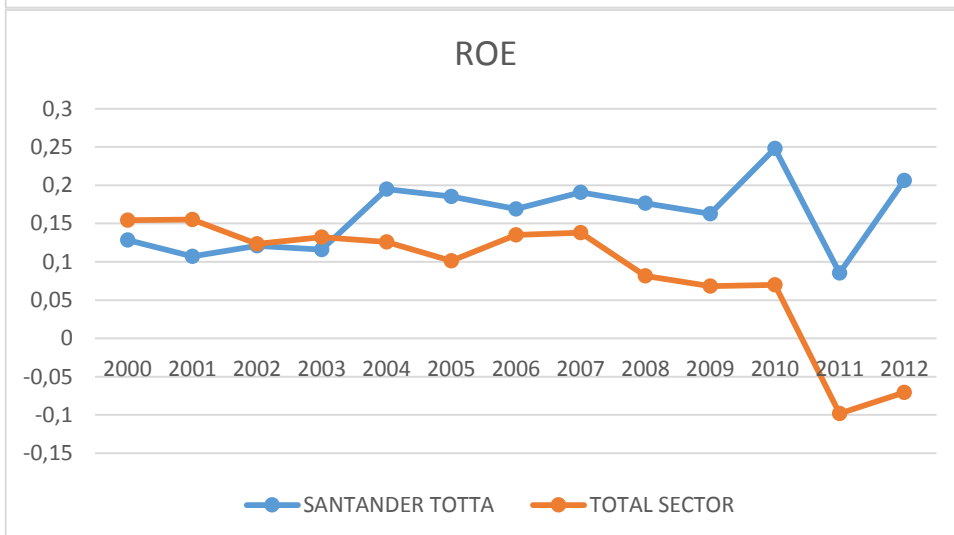
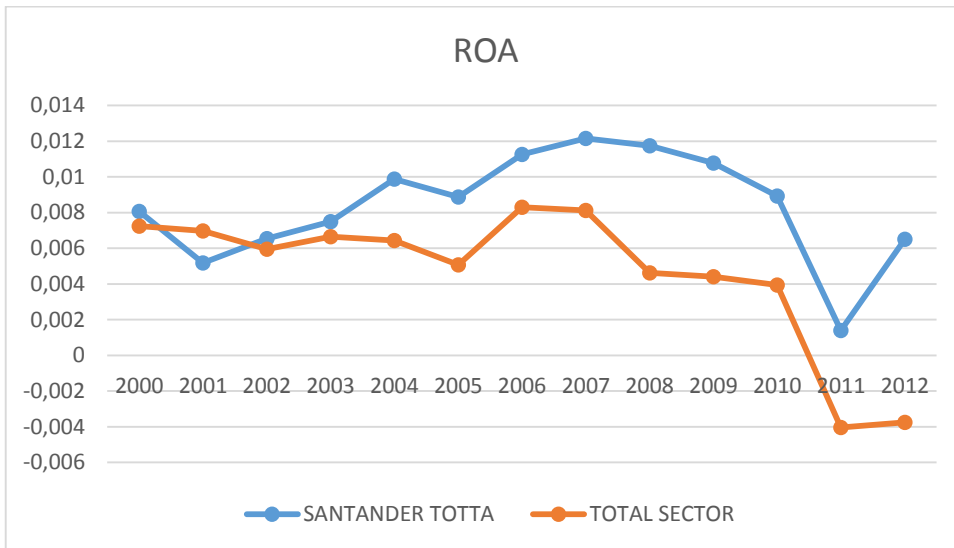




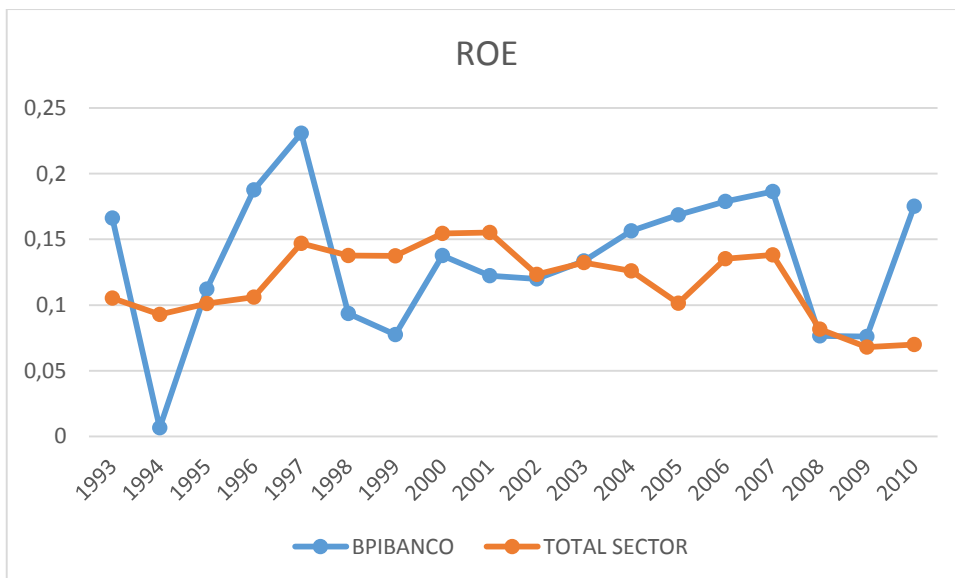
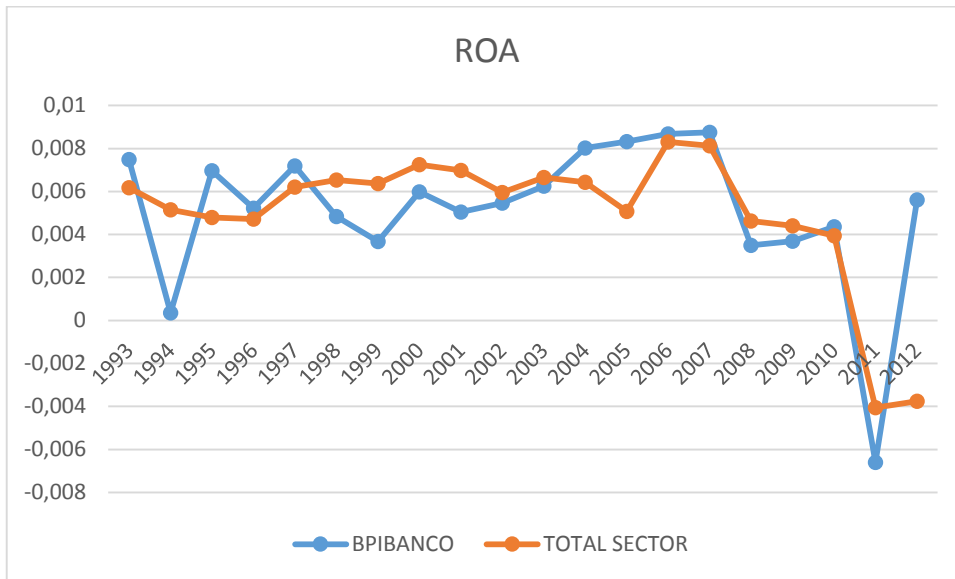
BES



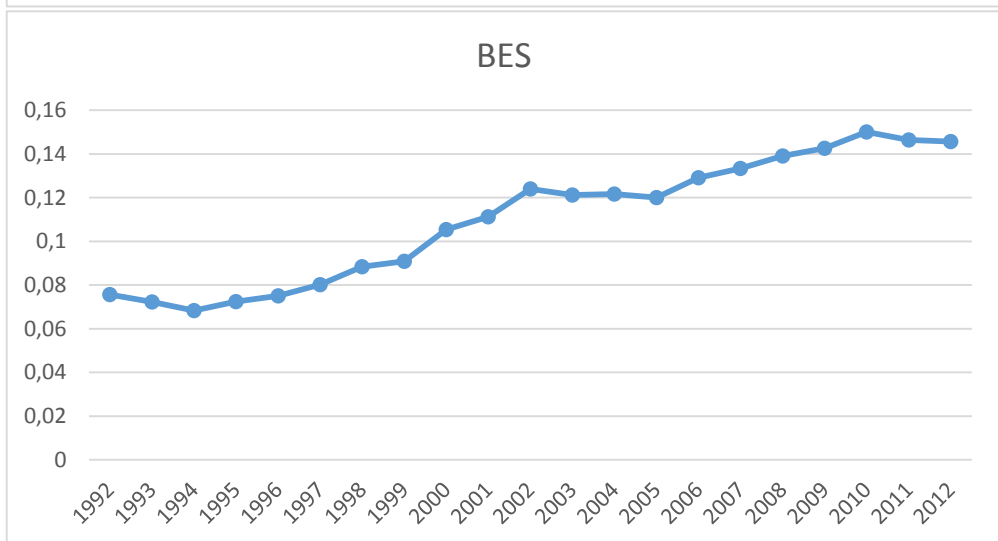
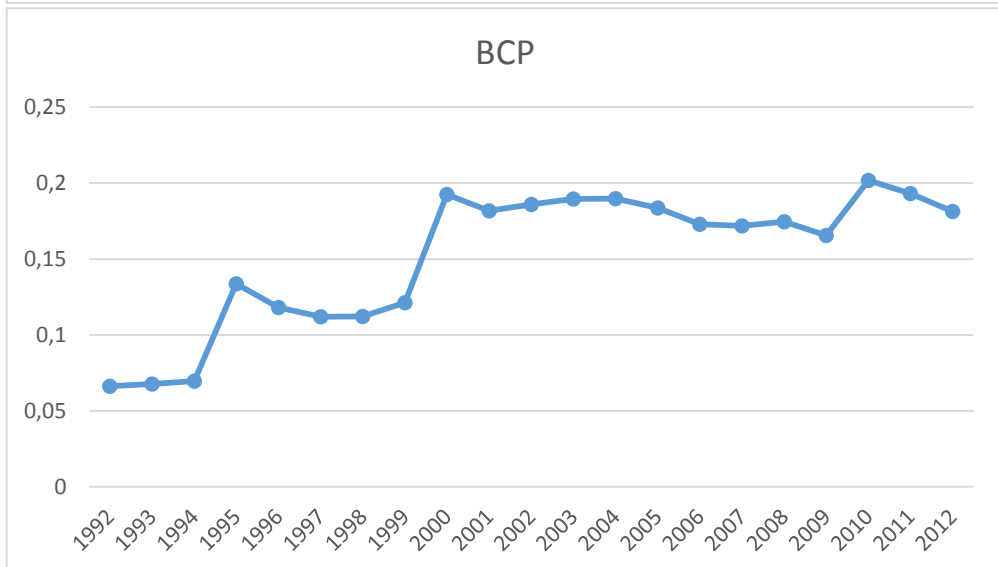
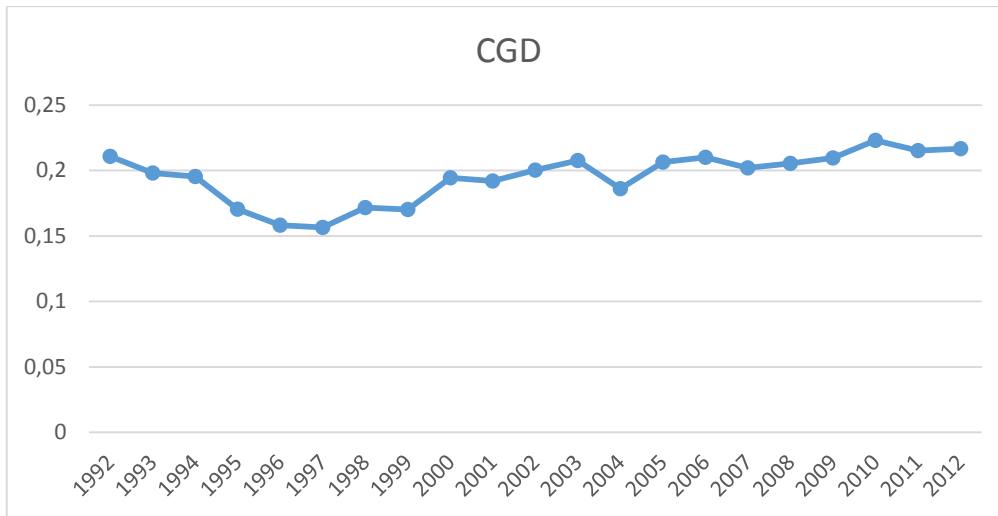
Santander Totta

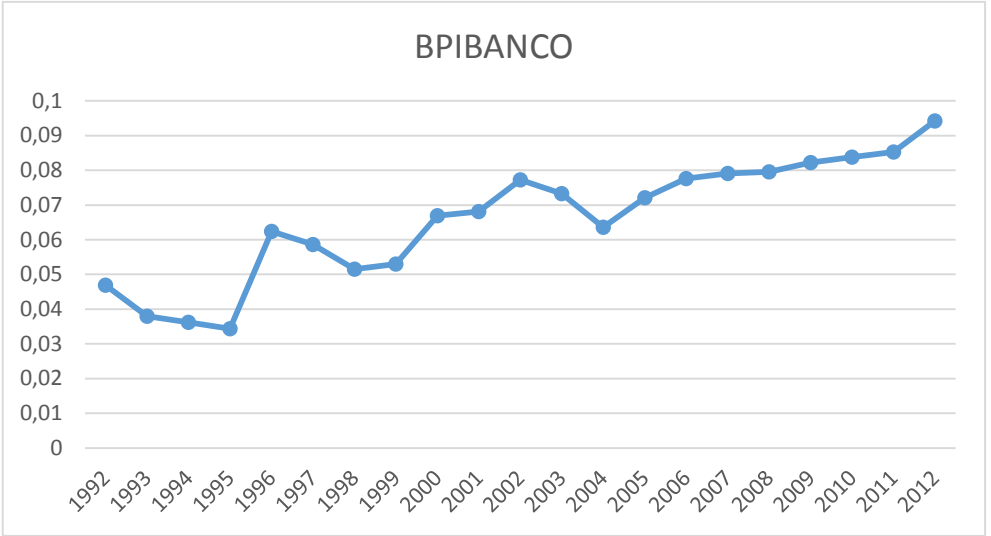
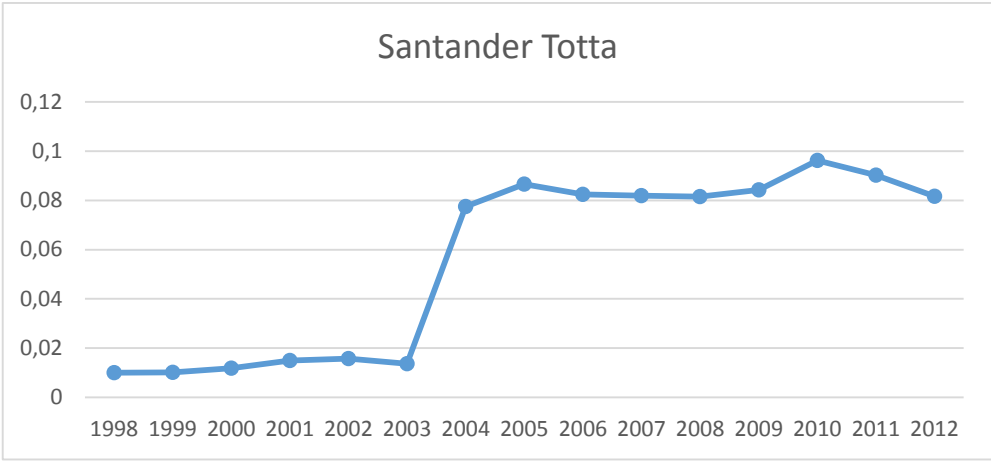


Banco BPI



Apêndice E – Evolução das quotas de mercado





Apêndice F – Posição ordinal dos bancos

Posição ordinal das instituições bancárias						
---	--	--	--	--	--	--

BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem

CGD	6241461	1	2672588	1	4579205	1
BPA	3609554	2	1440454	2	2204090	2
BTA	2827135	3	1230120	3	1859188	3
BCP	2222597	4	882880	5	1414808	5
BESCL	2180604	5	900032	4	1444569	4
BFE	1644070	6	636382	6	974295	7
BPSM	1485376	7	424115	11	1105851	6

1995 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem

CGD	6897959	1	2945582	1	5191222	1
BCP	5405197	2	2066982	2	2971610	3
BPSM	4747228	3	1872827	3	3365587	2
BTA	3174705	4	1319950	4	2079338	4
BPA	3003461	5	961273	6	1728640	6
BESCL	2926091	6	1261619	5	1857603	5
BFE	1682561	7	680982	7	1045543	7

1996 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem

CGD	7327169	1	3145442	1	5745704	1
BCP	5467861	2	2246007	3	3062406	3
BPSM	5267079	3	2290242	2	3593770	2
BPA	3682789	4	814039	7	1590118	7
BTA	3514765	5	1607368	4	2242993	4
BESCL	3474433	6	1554767	5	2159387	5
BPI	2889152	7	1192192	6	1843184	6

1997 BANCOS	ACTIVO	Ordem	CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. c.)		Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem

CGD	8263279	1	3791578	1	6195824	1
BCP	5907398	2	2733800	2	3311059	3
BPSM	5347320	3	2560864	3	3785155	2
BESCL	4233138	4	1976794	4	2501838	4
BPA	3919456	5	736850	9	1535398	8
BTA	3459843	6	1644607	5	2286596	5
BPI	3091341	7	1255780	6	2010427	6

1998 BANCOS	ACTIVO	Ordem	CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. c.)		Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem

CGD	9826914	1	5147602	1	7303589	1
BCP	6423104	2	3687915	2	3207190	3
BPSM	5091658	3	2815435	4	3715490	2
BES	5056450	4	2817005	3	2961734	4
BPA	3935022	5	934355	9	1407636	8
BTA	3480581	6	1752292	5	2205294	5
BPI, SGPS	3123485	7	1532701	6	2079006	6

1999 BANCOS	ACTIVO	Ordem	CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. c.)		Valor (m. c.)	Ordem	Valor (m. c.)	Ordem

CGD	11 034 047	1	6 288 873	1	7 934 137	1
BCP	7 854 753	2	4 799 953	2	3 768 006	3
BES	5 891 122	3	3 405 657	4	3 596 344	4
BPSM	5 469 822	4	3 512 323	3	3 990 111	2
BPA	4 304 695	5	1 196 207	9	1 493 553	8
BTA	3 660 290	6	2 187 491	5	2 304 906	5
BANCO BPI	3 432 862	7	1 899 923	7	2 078 354	7

2000 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. e.)	Ordem	Valor (m. e.)	Ordem	Valor (m. e.)	Ordem

CGD	62 572 093	1	37 171 658	2	44 198 618	1
BCP	61 979 004	2	41 496 849	1	37 342 212	2
BES	33 936 292	3	21 789 213	3	21 337 762	3
BTA	23 166 109	4	16 722 622	4	15 493 964	4
BPI SGPS	21 907 376	5	13 494 447	6	13 060 150	5
BANCO BPI	21 537 854	6	13 532 133	5	12 220 709	6
BNU	9 635 073	7	5 146 659	10	5 370 242	10

2001 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (m. e.)	Ordem	Valor (m. e.)	Ordem	Valor (m. e.)	Ordem

CGD	66 461 875	1	43 143 614	2	47 457 960	1
BCP	62 960 708	2	43 434 423	1	40 159 939	2
BES	38 522 630	3	24 569 111	3	26 199 283	3
BTA	27 365 861	4	19 466 981	4	18 382 315	4
BPI SGPS	24 792 945	5	15 471 013	6	15 174 866	5
BANCO BPI	23 575 075	6	15 471 182	5	14 550 966	6
MG	10 125 243	7	9 370 179	7	8 283 057	7

2002 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

CGD	66 581 408	1	49 755 759	1	51 988 289	1
BCP	61 851 573	2	48 659 775	2	40 228 874	2
BES	41 233 823	3	31 093 781	3	26 346 363	3
BTA	26 864 083	4	22 549 703	4	19 815 304	4
BANCO BPI	25 669 074	5	19 640 773	5	18 958 186	5
MG	11 386 742	6	10 511 181	6	8 302 911	7
CPP	10 797 073	7	9 514 699	7	9 044 992	6

2003 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

CGD	74 172 394	1	45 006 439	2	55 576 179	1
BCP	67 687 984	2	49 865 349	1	44 518 641	2
BES	43 283 351	3	26 042 141	3	31 042 238	3
BTA	28 823 637	4	18 120 335	4	19 026 893	4
BANCO BPI	26 195 261	5	17 783 015	5	16 654 141	5
CPP	14 077 826	6	6 863 536	7	6 430 415	10
MG	12 114 847	7	10 141 287	6	9 835 944	6

2004 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

BCP	71 678 496	1	51 249 108	1	49 364 563	2
CGD	70 268 817	2	46 619 000	2	56 699 510	1
BES	45 900 965	3	28 087 933	3	33 073 616	3
BST	33 161 371	4	14 365 641	6	22 622 735	4
SANTANDER TOTTA, SGPS	29 255 976	5	15 930 847	5	19 426 400	5
BANCO BPI	24 010 267	6	19 021 089	4	17 491 102	6
MG	12 418 904	7	10 653 708	7	10 416 509	7

2005 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

CGD	86.476.164	1	51.337.250	2	49.663.369	1
BCP	76.849.602	2	54.253.547	1	34.395.431	2
BES	50.221.841	3	31.661.998	3	20.753.083	3
SANTANDER TOTTA, SGPS *	36.225.457	4	27.747.165	4	15.217.252	4
BST	33.461.925	5	25.959.063	5	12.247.389	6
BANCO BPI	30.158.708	6	21.270.390	6	14.028.451	5
MG	14.671.864	7	12.785.211	7	7.779.526	7

2006 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

CGD	96.245.808	1	58.824.420	1	53.767.835	1
BCP	79.258.746	2	57.912.288	2	33.244.197	2
BES	59.138.806	3	35.751.832	3	21.993.671	3
SANTANDER TOTTA, SGPS	37.757.515	4	28.826.242	4	15.622.396	5
BPI BANCO	35.565.483	5	24.941.380	5	16.235.505	4
BST	32.951.805	6	24.008.914	6	11.082.844	6
MG	15.898.640	7	13.957.649	7	8.305.197	8

2007 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

CGD	103.553.764	1	68.573.149	1	54.038.767	1
BCP	88.166.161	2	66.872.781	2	39.246.611	2
BES	68.354.713	3	43.160.658	3	23.775.030	3
SANTANDER TOTTA, SGPS	42.002.504	4	30.769.866	4	16.033.144	5
BPIBANCO	40.545.949	5	27.603.225	5	20.621.866	4
BST	39.692.428	6	26.275.600	6	11.459.761	6
MG	16.898.729	7	14.903.494	7	8.373.164	8

2008 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

CGD	111.060.082	1	77.432.298	1	60.127.756	1
BCP	94.423.724	2	76.645.470	2	44.907.168	2
BES	75.186.728	3	48.197.539	3	26.386.754	3
BST	46.686.715	4	28.774.860	6	15.301.954	6
SANTANDER TOTTA, SGPS	44.084.898	5	33.154.818	4	15.700.248	5
BPIBANCO	43.003.399	6	29.723.757	5	25.633.620	4
MG	16.851.534	7	15.393.813	7	8.330.340	8

2009 BANCOS	ACTIVO		CRÉDITO S/CLIENTES		RECURSOS CAPTADOS	
	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem	Valor (mil euros)	Ordem

CGD	120.984.842	1	79.627.233	1	64.255.685	1
BCP	95.550.410	2	77.348.210	2	46.307.233	2
BES	82.297.200	3	50.531.154	3	25.446.450	3
BST	51.488.162	4	28.345.755	6	15.253.588	5
SANTANDER TOTTA, SGPS	48.590.430	5	32.905.807	4	15.081.297	6
BANCO BPI	47.449.179	6	30.485.950	5	22.617.852	4
MG	17.244.767	7	15.176.295	7	9.180.858	8

Apêndice G – Evolução do número de bancos

Evolução do nº de bancos	
1992	35
1993	42
1994	45
1995	46
1996	46
1997	53
1998	54
1999	54
2000	46
2001	51
2002	52
2003	53
2004	50
2005	50
2006	48
2007	48
2008	45
2009	44
2010	37
2011	34
2012	31